Annuario para o estudo das
tradições populares
portuguezas, dirigido por
J. Leite de Vasconcellos

Segundo se prometteu nos prospectos da Bibliotheca ethnographica, cujo 1.º vol. já está á venda, publica-se hoje, como annexo a essa bibliotheca, o Annuario para o estudo das tradições populares portuguezas correspondente a 1883. Com tal publicação teem-se em vista dois fins: reunir alguns materiaes do nosso folklore, e propagar no paiz o gosto por estes estudos.

Não é o Annuario o unico no seu genero na Europa, comquanto seja o primeiro em Portugal: na Provença o Armana prouvença, ao mesmo tempo que serve de orgão ao movimento de renascença litteraria d'aquella região, movimento que tem como illustres chefes Mistral e Roumanille, serve tambem de archivo aos documentos tradicionaes na propria lingua popular, — prover-

bios, contos, etc.; em Paris, o ALMANACH DES TRADITIONS POPULAIRES, dirigido pelo illustre folklorista Eugène Rolland, e collaborado por escriptores distinctos como H. Gaidoz e Loys Brueyre, está destinado a manter um «lien entre les personnes du monde entier qui s'occupent de la *science des traditions populaires*» (ALMANACH, pag. 1).

O ANNUARIO admitte a collaboração de todos aquelles investigadores que lhe mandarem artigos convenientemente redigidos.

Que o publico lhe dispense a sua protecção, e a critica lhe traga as suas luzes: eis os meus maiores desejos.

Porto.

J. Leite de Vasconcellos.

CALENDARIO POPULAR

JANEIRO

Luar de Janeiro
Não tem parceiro;
Mas lá vem o d'Agosto
Que lhe dá no rosto.

O mez de Janeiro,
Como bom cavalleiro,
Assim acaba
Como na entrada.

1 Seg. ✠ Q. ming. ☾ Neste dia andam os rapazes a cantar as *janeiras*. Adagio:

No 1.º de Janeiro
Subo ao outeiro
A ver o nevoeiro.

2 Terç. S. Isidoro.
3 Quart. S. Anthero.
4 Quint. S. Gregorio.
5 Sext. S. Simeão.
6 Sabb. ✠ Dia de Reis. Hoje os rapazes cantam os *Reis*.
7 Dom. S. Theodoro.
8 Seg. S. Lourenço.
9 Terç. S. Julião.
10 Quart. L. nova ● S. Paulo e S. Gonsalo d'Amarante, casamenteiro das velhas. Festa popular em Amarante.
11 Quint. S. Hygino.
12 Sext. S. Satyro.
13 Sabb. N. S. de Jesus.
14 Dom. S. Felix.
15 Seg. Q. cresc. ☽ S. Amaro. Festa em Beja.
16 Terç. S. Marcello.
17 Quart. S. Antão. Festa popular em Sortelha, entrando os bois na egreja.
18 Quint. S. Prisca.
19 Sext. S. Canuto.
20 Sabb. S. Sebastião.
21 Dom. da Septuagesima. S. Ignez.
22 Seg. S. Vicente, invocado ao amassar o pão:

S. Vicente
Te accrescente
Etc.

23 Terç. L. cheia ○ S. Raymundo.
24 Quart. Senhora da Paz.
25 Quint. de *Compadres*. Conversão de S. Paulo.
26 Sext. S. Polycarpo.
27 Sabb. S. Chrysostomo.
28 Dom. S. Cyrillo.
29 Seg. S. Francisco de Salles.
30 Terç. S. Martinho.
31 Quart. Q. ming. ☾ S. Pedro Nolasco.

FEVEREIRO

Fevereiro
Enganou a mãe ao soalheiro

Fevereiro quente
Tra-lo o diabo no ventre.

Lá vem Fevereiro
Que leva a ovelha
E o carneiro

1 Quint. de *Comadres*. S. Ignacio.
2 Sext. ✠ Senhora das Candeias. Adagio:

Se a Senhora da Luz chorar
Está o inverno a acabar;
Se a Senhora da Luz rir
Está o inverno p'ra vir.

3 Sabb. S. Braz, advogado da garganta.

S. Braz de Cravellas.
Te aperte as guelas.

S. Braz te afogue
Já que Deus num póde.

4 Dom. S. André.
5 Seg. S. Agueda.
6 Terç. *Entrudo*. As chagas de N. S. Jesus Christo.

O Entruido
Leva tudo.

7 Quart. de Cinza. L. nova S. Romualdo.
8 Quint. S. João da Matta.
9 Sext. S. Apollonia, advogada das dôres de dentes.
10 Sabb. S. Escholastia.
11 Dom. S. Lazaro.
12 Seg. S. Eulalia.
13 Terç. S. Gregorio.
14 Quart. Q. cresc. S. Valentim.
15 Quint. S. Jovita.
16 Sext. S. Porphyrio.
17 Sabb. S. Faustino.
18 Dom. S. Theotonio.
19 Seg. S. Conrado.
20 Terç. S. Eleuterio.
21 Quart. L. cheia. S. Maximiano.
22 Quint. S. Margarida.
23 Sext. S. Pedro Damião.
24 Sabb. S. Mathias.
25 Dom. S. Cesario.
26 Seg. S. Torquato.
27 Terç. S. Leandro.
28 Quart. S. Romão. *Serração da velha*. Em Vianna dizem:

Pobre velha, vaes morrer,
Teus dias são acabados,
Pede a Deus que te perdoe
A somma dos teus peccados.

MARÇO

Em Março
Ouga a noute com o dia
E o pão com o sargaço.

Março, Marçagão,
Pela manhã cara de gato,
E á noite cara de cão.

1 Quint. S. Andrião. Começa-se a rezar á *Senhora de Março*.
2 Sext. Q. ming. ☾ S. Simplicio.
3 Sabb. S. Hemiterio.
4 Dom. S. Casimiro.
5 Seg. S. Theophilo.
6 Terç. S. Ollegario.
7 Quart. S. Thomaz d'Aquino.
8 Quint. S. João de Deus.
9 Sext. Lua nova 🌑 S. Francisco Romano.
10 Sabb. S. Militão.
11 Dom. de *Lazaro*. S. Candido.
12 Seg. S. Gregorio.
13 Terç. S. Sanches.
14 Quart. S. Boaventura.
15 Quint. Q. cresc. ☽ S. Zacharias.
16 Sext. S. Cyriaco.
17 Sabb. S. Patricio.
18 Dom. de *Ramos*. S. Gabriel.

Ramos molhados,
Carros carregados.

19 Seg. S. José.
20 Terç. S. Martinho.

PRIMAVERA

21 Quart. S. Bento. Festa do *cuco* em Famalicão.

Como vires a Primavera
Assim pelo anno espera.

22 Quint. S. Emygdio.
23 Sext. L. cheia 🌕 S. Felix.
24 Sabb. S. Marcos.
25 Dom. de *Paschoa*.

Paschoa em Março
Ou fome ou mortaço.

Por Natal ao jogo
E por Paschoa ao fogo.

26 Seg. S. Ludgero.
27 Terç. S. Roberto.
28 Quart. S. Alexandre.
29 Quint. S. Victorino.
30 Sext. S. João.
31 Sabb. Q. ming. ☾ S. Benjamin.

ABRIL

Em Abril
Aguas mil.

Em Abril
Queima a velha o carro e o carril.

Em Abril
Guarda o gado
E vae aonde tens de ir.

1 Dom. S. Macario. Dia de enganos.
2 Seg. S. Francisco de Paula.
3 Terç. S. Pancracio.
4 Quart. S. Izidoro.
5 Quint. S. Vicente Ferrer.
6 Sext. S. Marcellino.
7 Sabb. L. nova ☺ S. Epiphanio.
8 Dom. S. Amancio.
9 Seg. Trasladação de S. Monica.
10 Terç. S. Ezequiel, propheta.
11 Quart. S. Leão.
12 Quint. S. Victor.
13 Sext. S. Hermenegildo.
14 Sabb. Q. cresc. ☽ S. Pedro.
15 Dom. S. Anastacio. S. Basilissa.
16 Seg. S. Engracia.
17 Terç. S. Aniceto e S. Elias.
18 Quart. S. Gualdim.
19 Quint. S. Hermogenes.
20 Sext. S. Ignez.
21 Sabb. S. Anselmo.
22 Dom. L. cheia ☻ S. Sotero e S. Caio.
23 Seg. S. Jorge, defensor de Portugal.
24 Terç. S. Honorio.
25 Quart. S. Marcos. Faz-se neste dia em Alter do Chão uma festa, entrando na egreja um boi a que se diz:

Entra, Marcos,
Em louvor do Sr. S. Marcos.

26 Quint. S. Pedro de Rates. Segundo a crença popular portugueza, este santo chama-se assim, porque, depois de morto, appareceu-lhe na cabeça um *ninho de ratos*.
27 Sext. S. Tertuliano.
28 Sabb. S. Vital.
29 Dom. N. S. dos Prazeres.
30 Seg. Q. ming. ☾ S. Catharina de Sena. Ladainhas.

MAIO

Em Maio
Come as cerejas ao borralho.

Em Maio
Onde quer eu cáio.

Maio pardo
Anno claro

1 Terç. S. Philippe e S. Tiago. Comem-se castanhas por causa do burro. Cantam-se as *Maias* e enfeitam-se as portas das casas com giestas. Ladainhas.

Primeiro de Maio
Corre o lobo e o veado.

2 Quart. S. Mafalda. Ladainhas.
3 Quint. Invenção da Santa Cruz. Ascensão.
4 Sext. S. Monica.
5 Sabb. S. Agostinho.
6 Dom. S. João Damasceno.
7 Seg. L. nova 🌑 S. Estanislau.
8 Terç. S. Miguel Archanjo.
9 Quart. S. Gregorio Nazianzeno.
10 Quint. S. Antonio.
11 Sext. S. Anastacio.
12 Sabb. S. Joanna, princeza de Portugal.
13 Dom. do Espirito-Santo. Q. cresc. ☽ N. Senhora dos Martyres.
14 Seg. S. Gil.
15 Terç. S. Izidoro.
16 Quart. S. Urbaldo.
17 Quart. S. Paschoal Baylão.
18 Sext. S. Venancio.
19 Sabb. S. João Nepumoceno.
20 Dom. da Trindade. S. Bernardino.
21 Seg. S. Manços.
22 Terç. L. cheia 🌕 S. Rita de Cassia.
23 Quart. S. Basilio.
24 Quint. Corpo de Deus. S. Afra.
25 Sext. S. Gregorio VII.
26 Sabb. S. Philippe de Very.
27 Dom. S. João.
28 Seg. S. Jermano.
29 Terç. Q. ming. ☾ S. Maximo.
30 Quart. S. Fernando.
31 Quint. S. Petronilla.

JUNHO

Em Junho
Foucinha em punho.

Maio pardo
Junho claro
Fá-lo lavrador honrado.

1 Sext. S. Firmino. Coração de Jesus.
2 Sabb. S. Marcellino.
3 Dom. S. Ovidio.
4 Seg. S. Quirino.
5 Terç. L. nova 🌑 S. Marciano.
6 Quart. S. Norberto.
7 Quint. S. Roberto.
8 Sext. S. Salustiano.
9 Sabb. S. Primo.
10 Dom. S. Margarida.
11 Seg. S. Bernabé.
12 Terç. Q. cresc. ☽ S. João e S. Fagundo.
13 Quart. S. Antonio (fogueiras e danças populares).
14 Quint. S. Basilio Magro.
15 Sext. S. Victor.
16 Sabb. ✠ O Coração de Jesus.
17 Dom. S. Theresa.
18 Seg. SS. Marcellino e Marcos.
19 Terç. S. Juliana.
20 Quart. L. cheia 🌕 S. Silverio.
21 Quint. S. Luiz Gonzaga.

ESTIO

22 Sext. S. Paulino.

Ao Verão taberneira
Ao Inverno padeira.

23 Sabb. S. João Sacerdote.
24 Dom. S. João Baptista, o santo mais popular de Portugal. Danças, fogueiras, cantigas.

Agua do S. João
Tolhe o vinho
E não dá pão.

Os ouriços no S. João
São do tamanho de um botão.

25 Seg. S. Tude.
26 Terç. S. João e S. Paulo.
27 Quart. Q. ming. ☾ S. Ladislau.
28 Quint. S. Leão II.
29 Sext. ✠ S. Pedro (danças e festas populares).

Dia de S. Pedro
Tapa rego.

30 Sabb. S. Marçal.

JULHO

Junho, Julho e Agosto,
Senhora, não sou vosso.

1 Dom. S. Theodorico.
2 Seg. *Visitação de N. Senhora.*
3 Terç. S. Jacintho.
4 Quart. L. nova ☺ S. Isabel.
5 Quint. S. Athanasio.
6 Sext. S. Domingos.
7 Sabb. S. Pulcheria.
8 Dom. S. Procopio.
9 Seg. S. Cyrillo.
10 Terç. S. Januario.
11 Quart. S. Sabino.
12 Quint. Q. cresc. ☽ S. João Gualberto.
13 Sext. S. Anacleto.
14 Sabb. S. Boaventura.
15 Dom. O Anjo Custodio do Reino.
16 Seg. Santa Cruz.
17 Terç. S. Aleixo.
18 Quart. S. Marinha.
19 Quint. S. Justa e S. Rufina.
20 Sext. L. cheia ● S. Jeronymo Emiliano. S. Elias, propheta.
21 Sabb. S. Praxedes.
22 Dom. S. Maria Magdalena. Ha uma oração popular portugueza que principia assim:

Madanéla escreveu
Uma carta a Jesu-Christo,
O portador que a leva
E' o padre S. Francisco.

23 Seg. S. Apollinario.
24 Terç. S. Christina.
25 Quart. S. Thiago, apostolo.
26 Quint. Q. ming. ☾ S. Symphronio.
27 Sext. S. Pantaleão.
28 Sabb. S. Innocencio.
28 Dom. S. Martha. Ao acabar de comer costuma-se dizer em varias partes:

Em louvor de S. Martha,
Quem comer que parta.

30 Seg. S. Rufino.
31 Terç. S. Ignacio de Loyola.

AGOSTO

Agosto
Frio no rosto.

Agosto tem a culpa
Setembro a fruita.

Agosto
Toda a fruita tem gôsto.

1 Quart. S. Pedro.
2 Quint. N. S. dos Anjos.
3 Sext. L. nova S. Estevão.
4 Sabb. S. Domingos de Gusmão.
5 Dom. N. S. das Neves.
6 Seg. S. Tiago.

Pelo S. Tiago
Cada pinga vale um cruzado.

7 Terç. S. Caetano.
8 Quart. S. Cyriaco.
9 Quint. S. Romão, advogado contra os cães damnados.
10 Sext. Q. cresc. S. Lourenço.
11 Sabb. S. Tiburcio.
12 Dom. S. Clara.
13 Seg. S. Hyppolito.
14 Terç. S. Eusebio.
15 Quart. ✠ Assumpção da Virgem.
16 Quint. S. Roque.
17 Sext. S. Mamede.
18 Sabb. L. cheia S. Joaquim.
19 Dom. S. Luiz.
20 Seg. S. Bernardo.
21 Terç. S. Joanna Francisca.
22 Quart. S. Timotheo.
23 Quint. S. Philippe.
24 Sext. S. Bartholomeu. Anda o Diabo ás soltas. Neste dia vae o povo ao mar tomar banhos e canta:

O' vida da minha vida,
O' lari ló lé, sou eu:
Venho da Senhora-Nova
Vou p'ra o S. Bartholomeu.

25 Sabb. Q. ming. S. Luiz, rei de França, advogado dos mudos:

S. Luiz, rei de França,
Dae falla a esta creança.

26 Dom. S. Zeferino.
27 Seg. S. Rufino.
28 Terç. S. Agostinho.
29 Quart. S. Sabino.
30 Quint. S. Rosa de Lima.
31 Sext. S. Raymundo Nonnato.

SETEMBRO

Setembro sécca as fontes
Ou leva as pontes.

1 Sabb. L. nova 🌑 S. Egydio.
2 Dom. S. Estevão.
3 Seg. S. Eufemia (festa popular na Beira).

Em louvor de S. Eufemia,
Se mal estás, peior te venha.

4 Terç. S. Rosa de Viterbo.
5 Quart. S. Antonino.
6 Quint. S. Libanio.
7 Sext. S. João.
8 Sabb. Natividade da Virgem. Romaria em Lamego, muito concorrida, á Senhora dos Remedios.
9 Dom. Q. cresc. ☽ S. Sergio.
10 Seg. S. Nicolau Tolentino.
11 Terç. S. Theodoro.
12 Quart. S. Antão.
13 Quint. S. Philippe.
14 Sext. Exaltação da Santa Cruz.
15 Sabb. S. Domingos.
16 Dom. L. cheia 🌕 Trasladação de S. Vicente.
17 Seg. S. Pedro de Arbues.
18 Terç. S. José Cupertino.
19 Quart. Dôres de N. Senhora.
20 Quint. S. Eustachio.
21 Sext. S. Matheus.
22 Sabb. S. Mauricio.
23 Dom. Q. ming. ☾ S. Lino.

OUTOMNO

24 Seg. Nossa Senhora das Mercês.
25 Terç. S. Firmino.
26 Quart. S. Cypriano.
27 Quint. S. Cosme.
28 Sext. S. Wenceslau.
29 Sabb. S. Miguel (mudanças de casa).

S. Miguel, pesae as almas
Ponde pezos na balança:
Os peccados erão tantos,
Foram com elles ao chão, etc.

30 Dom. S. Jeronymo.

OUTUBRO

Outubro
Sécca tudo.

Outubro
Péga tudo (as plantas).

1 Seg. L. nova ☺ S. Maximo e S. Julia.
2 Terç. Os Anjos da Guarda.
3 Quart. S. Candido e S. Maximiano.
4 Quint. S. Francisco de Assis.
5 Sext. S. Placido e seus companheiros.
6 Sabb. S. Bruno.
7 Dom. S. Manços.

S. Manços
Te amance.

8 Seg. S. Brigida.
9 Terç. Q. cresc. ☽ S. Dionysio.
10 Quart. S. Francisco de Borja.
11 Quint. S. Firmino.
12 Sext. S. Cypriano e S. Seraphim.
13 Sabb. S. Eduardo, rei inglez.
14 Dom. S. Calixto.
15 Seg. Santa Thereza de Jesus.
16 Terç. L. cheia ● S. Martiniano.
17 Quart. S. Hedwiges.
18 Quint. S. Lucas Evangelista.
19 Sext. S. Pedro de Alcantara.
20 Sabb. S. João Candido.
21 Dom. S. Ursula e suas companheiras.
22 Seg. Q. ming. ☾ S. Maria Salomé.
23 Terç. S. Romão.
24 Quart. S. Raphael Archanjo.
25 Quint. S. Chrispim e S. Chrispiniano.
26 Sext. S. Evaristo.
27 Sabb. S. Elesbão.
28 Dom. S. Simão. Diz o povo em alguma parte que neste dia devem fazer-se sete magustos.
29 Seg. Trasladação de S. Isabel.
30 Terç. L. nova ☺ S. Sarapião.
31 Quart. S. Quintino.

NOVEMBRO

Por todos-os-Santos
A neve nos campos

De Todos-os-Santos ao Natal
Perde a padeira o cabedal.

De Todos-os-Santos ao Natal.
Ou bem chover ou bem nevar.

1 Quint. Festa de Todos-os-Santos (magustas).
2 Sext. Dia dos Mortos.
3 Sabb. S. Malaquias, primaz da Irlanda.
4 Dom: S. Carlos Borromeu.
5 Seg. S. Zacharias e S. Isabel.
6 Terç. S. Severo e S. Leonardo.
7 Quart. Q. cresc. ☽ S. Florencio.
8 Quint. S. Severino.
9 Sext. S. Theodoro.
10 Sabb. S. André Avelino.
11 Dom. S. Martinho.

Dia de S. Martinho
Prova o teu vinho.

12 Seg. S. Martinho, B.
13 Terç. S. Eugenio.
14 Quart. L. cheia ● S. Bento, advogado contra as centopeias.
15 Quint. S. Gertrudes Magna.
16 Sext. S. Valerio, e S. Ignez, V.
17 Sabb. S. Gregorio, Thaumaturgo.
18 Dom. S. Romão.
19 Seg. S. Isabel, rainha de Hungria.
20 Terç. S. Felix.
21 Quart. Q. ming. ☾ Apresentação de N. Senhora.
22 Quint. S. Cecilia.
23 Sext. S. Clemente e S. Felicidade.
24 Sabb. S. João da Cruz.
25 Dom. S. Catharina, advogada dos estudantes.
26 Seg. S. Pedro Alexandrino.
27 Terç. S. Margarida de Saboia e os Santos Franciscanos.
28 Quart. S. Gregorio III.
29 Quint. L. nova ○ S. Saturnino.
30 Sext. S. André.

Dia de Santo André
Quem não tem porco, mata a mulher.

DEZEMBRO

Nem no Inverno sem capa
Nem no Verão sem cabaça.

Quem não tem calças no Inverno.
Não fies d'elle teu dinheiro.

1 Sabb. S. Eloy.
2 Dom. S. Bibiana.
3 Seg. S. Francisco Xavier.
4 Terç. S. Barbara.
5 Quart. S. Geraldo.
6 Quint. S. Nicolau (festas populares).
7 Sext. Q. cresc. ☽ S. Ambrosio.
8 Sabb. ✠ N. Senhora da Conceição.
9 Dom. S. Leocadia.
10 Seg. S. Melchiades.
11 Terç. S. Damaso.
12 Quart. S. Justino.
13 Quint. S. Luzia.

Dia de Santa Luzia
Cresce um palmo o dia.

14 Sext. L. cheia ● S. Angelo.
15 Sabb. S. Eusebio.
16 Dom. S. Adelaide.
17 Seg. S. Bartholomeu e S. Lazaro.
18 Terç. Senhora do Ó.
19 Quart. S. Fausto.
20 Quint. S. Domingos de Sillos.
21 Sext. Q. ming. ☾ S. Thomé.

INVERNO

22 Sabb. S. Honorato.
23 Dom. S. Servulo e S. Victorino.
24 Seg. S. Gregorio.
25 Terç. ✠ Natal (fogueiras e consoadas).

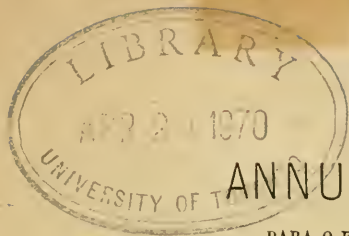
Quem quizer bom alhal,
Semei-o pelo Natal.

26 Quart. S. Estevão.
27 Quint. S. João.
28 Sext. Os Santos Innocentes.
29 Sabb. L. nova ○ S. Thomaz.
30 Dom. S. Sabino.
31 Seg. S. Silvestre.

Quem vae ao S. Silvestre,
Vae num anno e vem no outro,
E nunca se despe.

ANNUARIO

PARA O ESTUDO

DAS

TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUEZAS

A oliveira de Guimarães

O padre Carvalho na sua *Corographia* (I, 1, 13) diz-nos que a celebre oliveira que se achava no largo de N. S. da Oliveira, em Guimarães, viera, havia seculos, segundo uma tradição, para alli de junto ao mosteiro de S. Torquato e que a alampada do santo era allumiada do azeite d'ella; que, quando no padrão da mesma praça fôra posta em 1380 uma cruz mandada fazer por Pero Esteves, a oliveira reverdecera, conservando-se sempre depois. Os soldados que iam para a guerra, e os que embarcavam, levavam ramos da oliveira, crendo que elles os livravam de perigo.

O nosso amigo o snr. F. Martins Sarmento diz-nos que a oliveira já não existe, tendo sido arrancada em nome da Utilidade publica, essa moderna bicha de sete cabeças Pensa o douto explorador da Citania que a arvore foi talvez roubada pelos conegos da collegiada de Guimarães aos de S. Torquato, do mesmo modo que quizeram subtrahir a propria mumia do santo. Ha uma tradição de que a oliveira primitiva fora a aguilhada do rei Wamba e uma outra de

el-rei D. Diniz, — apud *Il Canzoniere portoghese* della Biblioteca Vaticana, — E. Monaci, 1875:

(pag. 68):

Non chegou, madr', o meu amigo,
e oj' est o prazo saydo...
. . . .
Nõ chegou, madr', o meu amado,
e oj' est o prazo passado...

(pag. 69):

— De que morredes, filha, a do corpo uelido?
— Madre, moyro d'amores que mi deu meu amigo.
. . . .
— De que morredes, filha, a do corpo louçano?
— Madre, moyro d'amores que mi deu meu amado.

(pag. 77):

Para veer meu amigo
Que talhou preyto comigo,
Alá vou, madre.

Para veer meu amado
Que mig' ha preyto talhado,
Alá vou, madre.

De João Zorro (pag. 262):

Per ribeira de rrio
Ui temar (remar) o nauio
Et fabor ey da ribeyra.

Hy uay o meu amigo
Quer me leuar cõſigo.
Et sabor ey...

Per ribeyra do alto
Ui remar o barco
Sabor ey da ribey(ra).

Hy uay o meu amado
Quer me leuar de grado
et sabor ey...

Nas canções transcriptas ha a observar uns poucos de factos: a fórma estrophica, o estribilho, a alternativa de *amigo* e *amado*, e a alternativa das rimas em *i* e em *á*.

Vem este pequeno preambulo para dizer que na moderna tradição oral portugueza colhi quatro composições poeticas populares no mesmo gosto d'aquellas. Ei-las (versões de Rebordainhos, concelho de Moncorvo):

1. Pela manhã [cf. ant. *Alvorada*]:

I

Pela manhaninha, manhã,
Pela manhã,
Pela manhaninha, manhã,
Pela manhã,
Pela manhaninha de o ser,
Pela manhã,
Pela manhaninha de olhar,
Pela manhã.
(repet. os dois primeiros)

Pela manhanhina de o Abril,
Pela manhã,
(idem)

Pela manhaninha de o Natal,
Pela manhã,
(idem)

C'um tendeiro me quero eu ir,
Pela manhã,
(idem)

C'um tendeiro me quero andar
Pela manhã,
(idem)

Emquanto dinheiro lhe sentir,
Pela manhã,
(idem)

Em quanto dinheiro levar
Pela manhã,
(idem).

II

(Nesta segunda parte, repetem-se, cantando, os primeiros versos da primeira parte).

Inda leva um ceitil
Pela manhã,
(repet. os dois primeiros)

Inda leva um real,
Pela manhã,
(idem)

Em no não tendo hei-de-lhe fugir
Pela manhã,
(idem)

Em no não tendo hei-de-o deixar,
Pela manhã,
Pela, manhaninha, manhã,
Pela manhã. [1]

---

[1] O demin. *manhaninha* corresponde a uma fórma *manhana* (cf. cast).

2. Na ribeira [cf. *Cantar de amigo*]:

Na ribeirinha, ribeira,
Naquella ribeira,
Na ribeirinha, ribeira,
Naquella ribeira,
Anda lá um peixinho vivo
Naquella ribeira,
(repet. os dois primeiros),

Anda lá um peixinho bravo
Naquella ribeira,
(idem)

Vamo-lo caçar, meu amigo,
Or' lá na ribeira,
(idem)

Vamo-lo caçar, meu amado,
Or' lá na ribeira,
(idem)

Comeremo-lo cosido,
Or' lá na ribeira,
(idem)

Come-lo-hemos assado,
Or' lá na ribeira,
(idem)

C'um bocado de pão trigo,
(repet. os tres)

C'um bocado de pão alvo,
(idem)

C'um canabarro de bom vinho tinto
(idem)

C'um canabarro de bom vinho claro
(idem)

P'ra mim e p'ró meu amigo
(idem)

P'ra mim e p'ró meu amado,
Or' lá na ribeira, [2]
Na ribeirinha, ribeira,
Naquella ribeira.

3. A raposa:

Ferrungando [3] se vae a raposa,
Ora vae ferrungando,
Ferrungando se vae a raposa,
Ora vae ferrungando;
Ferrungando se vae pela villa,
Ora vae ferrungando;
Ferrungando se vae pela praça,
(idem)

Ferrungando se vae a raposa
(idem)

Na bôca leva uma pita [4]
(idem e repete-se o 1.º verso, cantando)

---

[2] A fórma *or'* por *ora* encontra-se tambem neste verso da mesma localidade, *Or' diga-me, ó minha mãe;* creio alem d'isso que é vulgar.

[3] O grito da raposa chama-se *regougo.*

[4] *Pita* é uma gallinha.

Na bôca leva uma pata,
Ora vae ferrungando;
Ferrungando vae a raposa,
Ora vae ferrungando;
Raposa, deixa a minha pita,
Ora vae ferrungando;
Ferrungando vae a raposa,
Ora vae ferrungando;
Raposa deixa a minha pata...
(repet. os tres)

Antes deixarei a p'llica,
(idem)

Antes deixarei a samarra,
(idem)

Que deixar tão gordinha pita,
(idem)

Que deixar tão gordinha pata.
Ferrungando vae a raposa,
Ora vae ferrungando.

4. SANTO ANTONIO: [5]

Santo Antonio, quero-te eu adorar,
Pois os meus amores querem-me deixar;
Santo Antonio, d'aqui d'esta villa,
Pois os meus amores querem-me deixar,
Santo Antonio d'aqui d'esta praça,
Santo Antonio, quero-te eu adorar,
Pois os meus amores querem-me deixar.

(repete-se o mesmo)

Quer que lhe pintem a sua ermida,
Pois os meus amores querem-me deixar,
Quer que lhe pintem a sua oraga,
Pois os meus amores querem-me deixar;
Com ũa pinturinha mui linda,
Santo Antonio quero-te eu adorar,
Pois os meus amores querem-me deixar,
Com ũa pinturinha mui clara,
Pois os meus amores querem-me deixar [6].

Segundo se vê, as estrophes são intermeadas de estribilhos, e, como nas canções vaticanas, alternando as rimas

[5] Advogado dos casamentos, etc. Vid. *Annuario,* p. 27.
[6] Os estribilhos vão em grypho para se destacar melhor a rima.

em *i* e em *á* invariavelmente, excepto no 5 v. da 1.ª canção e nos dois primeiros da 4.ª canção. *O estylo é absolutamente o mesmo que as vaticanas.* Estes quatro monumentos são pois importantissimos, porque estabelecem uma continuidade da tradição, desde o sec. XIII até ao XIX [7], e nos mostram claramente as relações entre os escriptores eruditos do *Cancioneiro da Vaticana* e o povo.

Não cause estranheza uma tal antiguidade. Pois não vivem entre o povo palavras que se encontram nos mais antigos documentos? Não se conservou o *romance popular* que foi tão imitado no sec. XVI? Não existem outras fórmas poeticas, como adagios, que apparecem em Camões, Gil Vicente, etc.? Não se repetem superstições que vemos condemnadas por D. João I, ou se encontram já no citado *Cancioneiro da Vaticana?* Os versos, de que se tracta, segundo me informa o meu intelligente amigo João Candido de Sousa, são cantados nas segadas e nas mondas, d'onde um forte motivo para se conservarem na tradição.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

Notas ethnographicas

SANTO ANTONIO

D'entre o grande numero de tradições populares que existem ainda vivas e florescentes em Portugal, ha uma que nos parece das mais interessantes e que tem sido das menos exploradas pelos incansaveis investigadores nacionaes. E' a do celebre thaumaturgo, Santo Antonio de Lisboa, a

---

[7] Em vista do que o snr. Th. Braga deve modificar o que escreveu no *Manual de Litt., Port.,* pag. 45.

qual se conserva, se não em todo o paiz, pelo menos na capital, nos seus arredores e na provincia do Algarve.

O santo da tradição popular é bem differente d'aquelle, cuja vida anda descripta com sombrias côres de devoção e de penitencia, nas chronicas eruditas dos auctores ecclesiasticos. Em vez do mystico hallucinado, que se dedicava á predica e á conversão dos infieis, segundo a historia, a imaginação do povo fez d'elle um santo folgasão, atrevido, endemoninhado, que perseguia as raparigas, roubava-lhes beijos, quebrava-lhes os cantaros, [1] quando iam á fonte, e depois de as fazer chorar, concertava-os, unindo todos os pedaços com cuspo. Esta tradição, vulgar em Lisboa, faz de Santo Antonio o patrono dos rapazes. Raras, rarissimas, são as creanças que, até aos dez ou doze annos, não o festejam annualmente nos seus brinquedos infantis, imitando os actos do culto catholico. Sobre uma mesa ou uma cadeira coberta com toalha de rendas e folhos ou com chita de ramagens, armam de ordinario um throno, collocando em cima um boneco de barro, que representa o santo com o menino Jesus sobre um livro, e nos degraus maior ou menor numero de castiçaes, cruz, calix, custodia e outros objectos usuaes do templo, todos de chumbo; acendem velas de cêra e adornam o supposto altar de flôres e folhagens. Na vespera e noite de 13 de Junho, dia consagrado a este santo, ha fogueiras em muitos quintaes e queima-se enorme quantidade de fogo de artificio; durante todo o dia lançam-se bombas em honra do thaumaturgo. As creanças de familias pobres armam o throno á porta da rua, e, desde os primeiros domingos de Maio até ao dia da festa assaltam os transeuntes com bandejas ou pires pedindo esmola para a cêra do santo. O maravilhoso e a desenvoltura sedu-

[1] No *Elucidario* de Viterbo cita-se uma Albergaria, instituida em 1206 por D. Bartholomeu Domingues, que no tempo do auctor se chamava Santo Antonio *do Cantaro*. Verbo *Albergaria*.

zem as imaginações infantis; assim se explica a sympathia que os rapazes dedicam ao Santo Antonio. Em Lisboa dizem:

Santo Antonio milagroso
Come figos e é guloso.

A versão do Algarve em vez de *milagroso* diz: *é um manhoso* e outra da capital: *laparoso.* Os milagres são populares:

Santo Antonio foi santo
Ninguem no duvida,
A parreira secca fez o milagre
De florir a vide.

(Torres Novas).

Santo Antonio já foi santo
Já prégou,
Emquanto resou uma ave-maria
Seu pai da forca livrou.

(Thomar).

Santo Antonio é santo,
Elle santo é,
Elle fez o milagre
De pegar o pé.

(Thomar).

Santo Antonio milagroso
Amparo de Portugal,
Ajudae-me a vencer
Esta batalha real.

(Lisboa).

No Algarve dizem: «A razão de Santo Antonio andar sempre com o menino Jesus ao collo é porque quando elle entrava na sua cella encontrava lá sempre o menino». — «Um dia Santo Antonio foi prégar ao povo e como este o não quizesse ouvir foi prégar aos peixinhos». — «Estando uma vez a dizer um sermão em Padua um anjo o avisou de que o pae ia morrer enforcado em Lisboa. Santo Antonio mandou rezar aos fieis uma *ave-maria,* e emquanto a rezavam elle, deixando o capuz no pulpito, foi a Lisboa salvar o pae». Estes e outros milagres foram descriptos em verso, no seculo XVI, por Francisco Lopes na sua *Vida de Santo Antonio* que os aproveitou da tradição popular. Em nossos dias, Braz Martins fez d'elles um drama sacro.

O caracter mais interessante do santo, segundo a voz

do povo, é, porém, outro; consiste nas suas relações evidentes com os vestigios de antigos cultos phallicos, como succede tambem com as tradições de S. João e de S. Gonsalo. Santo Antonio quebra as bilhas ás raparigas e, depois de as ralar muito, concerta-as. Esta versão do Algarve pouco differe da que corre em Lisboa. Elle é o advogado dos casamentos das raparigas, e quando não se digna protegel-as mettem-no num poço ou partem-no em pedaços (Lisboa). Vê-se o mesmo costume no Algarve: As raparigas quando querem casar enforcam Santo Antonio, deitam-no ao poço de cabeça para baixo depois de lhe tirarem o menino, e não o tiram do môlho sem que elle tenha feito o milagre. Tem o mesmo caracter orgiastico estas cantigas populares:

Santo Antonio é brejeiro
E alguma cousa mais;
Faz chorar as raparigas
E andar sempre aos ais.

(Algarve).

Santo Antonio é velhaco
Foi á fonte
Levou tres
E trouxe quatro.

(Torres Novas).

Santo Antonio é o santo
Que mais pancadas deve levar
Por não fazer o milagre
P'ra as raparigas casar.

(Idem).

Santo Antonio da Riba-mar
Abaixae-me esta barriga
Que eu não sei o que traz dentro
Se é rapaz ou rapariga.

(Torres Novas).

Santo Antonio é moço,
Santo Antonio é frade,
Para casar as moças
Tem habulidade.

(Tagarro).

O snr. Theophilo Braga tambem colligiu quatro do mesmo genero no seu *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*, tomo II, pag. 158. E' da ilha de S. Miguel a seguinte:

Oração para quando desejam casar e na duvida se são amadas ou não por F...

O' rainha Santa Helena,
Mãe e mulher d'El-Rei Constantino,
O mar vermelho passaste
Em procura da bella cruz
Os tres pregos que encontraste
O primeiro deitaste ao mar
Para que fosse sagrado,
O segundo déste ao vosso marido e filhos
Para que fossem christãos;
O que vos ficou
Emprestae-m'o esta noute
Para eu offerecer ao glorioso Santo Antonio
E pedir-lhe, por alma de sua madrinha,
Que me declare em sonhos
Se eu hei de casar com F...
E se tiver de casar com elle
Permitti que eu sonhe
Com aguas claras,
Alegres campos cheios de flôres,
Casas caiadas, mezas postas:
E se eu não casar com elle,
Mares bravos, campos negros,
Seccos e escuros, casas negras
E mulheres viuvas. [2]

Encontram-se bastantes vestigios dos cultos phallicos, em Portugal, como se acha provado pelos nossos amigos Theophilo Braga, nas *Origens poeticas do Christianismo*, e Leite de Vasconcellos, em dois folhetins do semanario republicano federal *A Vanguarda*. Porem, nem um, nem outro auctor nota a influencia d'esses cultos nas tradições popula-

---

[2] Devemos esta oração e varias tradições do Algarve ao nosso amigo Reis Damaso, a quem aqui agradecemos; egualmente agradecemos aos nossos amigos Carrilho Videira e E. d'Almeida algumas informações de que nos temos aproveitado nestas notas.

res sobre Santo Antonio, influencia, que, segundo cremos, fica demonstrada pelos documentos colligidos nestas paginas. Porque motivo se liga a este santo uma feição caracterista dos cultos orgiasticos? Será porque Santo Antonio de Lisboa foi o auctor da disciplina publica de sangue, conforme refere Viterbo, a qual degenerou em scenas lubricas e escandalosas? Sobre este assumpto lê-se no *Elucidario*, v. *Flagellantes*: «Este *sanguinolento espectaculo*, executado com as devidas circumstancias foi sempre de grande edificação. Não negarei comtudo que a vaidade louca de alguns, profanando o mais sagrado, fez passar este costume de santo a escandaloso, comprando a sua perdição com o preço do seu vertido sangue: feitos verdadeiramente martyres do demonio». Muitas vezes se confundiu esta disciplina sanguinaria com a seita dos Flagellantes, os quaes «andavam nús até á cintura, com capello na cabeça, e uma cruz na mão, açoutavam-se duas vezes no dia e uma de noite, com cordas cheias de nós, e armadas de pontas de ferro, e postrados em terra formavam com os braços abertos a figura da cruz e pediam misericordia». Com isso cahiam em «mil absurdos, abominações e erros», excitando-se «ás acções mais torpes». (*Elucidario* loc. cit.). Os Flagellantes da edade media trazem-nos á memoria muitos costumes orgiasticos que seria ocioso citar aqui [3].

Dar-se-ha na tradição de Santo Antonio um syncretismo tão vulgar em todas as phases religiosas e poeticas? Haverá confusão entre o santo de Lisboa e o seu homonymo da Thebaida? A Santo Antão ou Santo Antonio, abbade egypcio, tambem andam ligados restos dos cultos phallicos; pelo menos, leva-nos a esta supposição, entre outros factos, ser o santo representado sempre com um porco aos pés. Como observa Gubernatis, na sua *Mythologia zoologica*, o

---

[3] Cf. os nossos *Ensaios sobre a evolução da humanidade*, capitulo I.

porco é até certo ponto o equivalente mythico do burro, e com frequencia substitue ou é substituido pelo boi, pela borboleta e por outros animaes do symbolismo phallico. «Nas crenças italianas, escreve o mesmo auctor, o porco é consagrado a Santo Antonio, e ha tambem um Santo Antonio que passa pelo protector dos casamentos como o scandinavo Freyr, a quem o porco é dedicado», (ob. cit. pag. 6 vol. II, tr. fr.). Entre nós, o porco apparece nas tradições e nos monumentos com valor mythico, mas independente do santo a que é consagrado. [4] Porém, em compensação, andam ligados a este santo differentes animaes que figuram nos mythos com significação identica. Em Passos de Ferreira quando tosse um cavallo ou um boi dizem logo *S. Antonio!* tantas vezes quantas o animal tossir (Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal* §§ 319 e 323). Em Villa de Sortelha, por occasião da festa de Santo Antão, um boi muito enfeitado é levado a dar uma volta á egreja (Idem, *Calendario Popular*, n.º 75 da *Vanguarda*).

No concelho de Alemquer chamam aos millépedes ou bichos de conta—*porquinhos de Santo Antonio*, e noutros sitios—*porquinhos de Santo Antão*. Como vimos, Santo Antonio de Lisboa foi um dia prégar aos peixinhos, porque os homens não o quizeram escutar; ora o peixe é tambem um symbolo phallico, como é geralmente sabido.

As relações de Santo Antonio com o vento são um caracteristico notavel. Fallando do redemoinho do vento cita Leite de Vasconcellos o que dizem em S. Pedro do Sul para elle fugir:

---

[4] Cf. Leite de Vasconcellos num art. publicado na *Era Nova*, pag. 77, e Th. Braga nas *Origens poet. do christ.* pag. 262 e 273. Este ultimo falla da corrida do porco preto, que outr'ora se realisava em Braga, por occasião das festas do S. João.

Bolborinho do peccado,
Vae-te com Santiago;
Bolborinho do Demonho,
Vae-te com Sant'Antonho.

(*Trad. pop. de Port.* pag. 74.)

que é curioso approximar da seguinte nota de Gubernatis (*Myth. Zool.*, I pag. 51): «Segundo as crenças vedicas o Santo Antonio, a divindade tutelar dos animaes, era Rudra, o vento, ao qual se devia, quando o rebanho estava doente, offerecer sacrificios no meio de um circulo de vaccas». Na tradição portugueza, segundo parece, o Demonio é o agente motor d'aquelle phenomeno atmospherico e o santo tem poder sobre o espirito maligno. Esta approximação entre o Santo Antonio e o Demonio traz-nos á memoria a seguinte tradição que ouvimos ha muitos annos em Lisboa: Num dia de jejum, quando o santo saía da cella, encontrou uma moça formosissima com uns magnificos cachos de uvas que lhe offereceu. Santo Antonio ao ver uns cachos tão bellos ia a lançar-lhes a mão, mas recuou e benzeu-se, e immediatamente a moça que era o Demonio, deu um grande estoiro e desappareceu, deixando um forte cheiro de enxofre. Noutra versão que conhecemos, este caso passou-se na escada do côro da Sé, em Lisboa, e o santo em vez de se persignar fez com um dedo uma cruz na parede, onde ainda hoje se conserva bem visivel, segundo a voz do povo.

Por ultimo citaremos ainda outro caracter que a imaginação popular dá a Santo Antonio. Attribue-lhe a virtude de fazer apparecer os objectos perdidos. Colhemos a seguinte oração da qual já temos ouvido variantes:

Santo Antonio se alevantou,
Se vestiu e se calçou,
As suas sagradas mãos lavou,
No seu cajadinho pegou,

Encontrou Nossa Senhora,
Que lhe perguntou:
— Antonio, tu onde vás.
—Senhora, eu vou p'ró céo.

— Tu comigo não irás;
Na terra ficarás
Todas as cousas que se perdem
Tudo, tudo, empararás
Na honra de Santo Antonio.

(Celorico de Basto).

Innumeras tradições, cantos e orações se devem encontrar em Portugal, sobre este santo, que é um dos mais populares e dos que andam mais ligados aos divertimentos simples das primeiras edades [5].

Lisboa, Setembro de 1882.

TEIXEIRA BASTOS.

Costumes populares da Maia

I

O NATAL

A festa de familia, mais popular, e ainda hoje a mais bem vinda, é a do Natal.

As mulheres que estão casadas fóra da casa paterna vão na vespera do Natal com todos os seus filhos visitar os paes. Uma das filhas, ou uma creada, se as filhas são pe-

---

[5] Damos aqui em nota mais os seguintes cantos:

Santo Antonio é a treze,
S. Pedro a vinte e nove,
S. João a vinte e quatro
Por ser a festa mais nobre.

(Thomar e Lisboa).

Santo Antonio é meu pae,
S. Francisco é meu irmão,
Os anjos são meus parentes...
Ai que linda geração!

(Lisboa).

S. Antonio bateu á porta,
S. João vae ver quem é:
E' um ranchinho da Murta
Que vae para a Nazareth.

(Thomar).

Santo Antonio é meu padrinho,
S. Francisco, etc.

(Algarve).

quenas, conduz um cesto, com uma brôa de trigo com assucar e assafrão, a que se chama uma *brôinha,* e figos, maçãs, castanhas, etc. Este presente denomina-se a *consoada.* Quando recolhem trazem quasi sempre outra consoada quasi identica que os pais lhe dão.

Côam estas familias reunidas, e passam a noite até tarde a verem as creanças partir pinhas e jogar e comer pinhões. Estas pinhas tambem se guardam contra as trovoadas. Antigamente se usava (o que hoje ainda alguns usam) deitar depois de cêa palha em toda a cusinha (ou sala em que estão reunidos) para as creanças saltarem á vontade sem se magoarem.

No lar arde um grande tôco de carvalho, que só se apaga no fim da noite, e se guarda para se tornar a accender na occasião de trovoadas conservando-se accesos até ellas passarem.

E' grande mimo dar no Natal rozarios de pinhões e figos. Cada mysterio tem dez pinhões e um figo.

Os creados e creadas que tem a familia perto vão lá passar a noite, e levam tambem a seus pais a *consoada* que os amos lhes dão, na qual vão quasi sempre batatas e vinho; porque nesta noite é indispensavel vinho quente, isto é, vinho fervido com mel e assucar, e comido com sopas de pão.

II

O S. JOÃO

Não ha santo a que as usanças populares festeijem com mais alegrias loucas e ás vezes inconvenientes do que o Santo Precursor que viveu sempre em penitencia. Na Maia entre muitas brincadeiras não ha cravo que escape na vespera de S. João ao rapazio da aldêa; mas quasi sempre não são só os cravos que desapparecem, são tambem os vasos que tenham flores. as cancellas dos campos e mattos, as portas e tudo quanto se possa mover, objecto que os rapazes col-

locam em volta da capella aonde vá mais gente á missa; depois d'isto as raparigas, donas dos vasos, carregam com elles para casa, e os homens com as cancellas; mas emquanto que aquellas riem, estes poucas vezes gostam da chalaça.

Na vespera de S. João a pessoa que tem sarna vai á meia noite rolar-se, inteiramente nua, num campo de linho, —coisa de pouca satisfação para o dono do linhar.

Porto, Setembro de 1882.

MARIA PEREGRINA DE SOUSA. [1]

O espirito critico parece ter conquistado no nosso seculo uma lucidez perfeita, desde que, abandonando as aberrações da ontologia e da psychologia subjectiva, se condensou num ponto de vista objectivo e historico. Abstrahindo quanto possivel das preoccupações doutrinarias do seu tempo, o critico observa e analysa as creações sociaes humanas da mesma forma e com o mesmo methodo com que o naturalista observa os phenomenos extra-humanos.

D'esta disciplina mental resultou uma comprehensão mais intima do modo de ser das cousas: onde o antigo pensamento subjectivo punha creações e revoluções, milagres e cataclysmos, vê hoje o espirito critico transformações evo-

---

[1] [A sr.ª D. Maria Peregrina merece um logar entre os folkloristas portuguezes, não só por umas interessantes cartas que publicou in *Rev. Univ. Lisbon.* sobre costumes populares do Minho (de que se fará talvez breve um volume á parte), mas por outros muitos escritos avulsos. Apesar de retirada da litteratura ha bastante tempo, dignou-se corresponder ao meu pedido, enviando-me o presente artigo, que, como todos os que os outros collaboradores d'este *Annuario* fizerão favor de me enviar, é inedito, e foi feito expressamente para aqui. — J. L. de V.]

lutivas, e á concepção do mundo como um *fiat* oppõe a sua definição como uma historia.

Assim, o criterio historico, ou genealogico, ou evolutivo, abrangendo as sciencias da natureza e as sociaes, é a conquista eminente do saber do nosso seculo.

No campo especial dos organismos sociaes, os iniciadores foram esses jurisconsultos do primeiro quartel do seculo, que, seguindo a tradição de Montesquieu, esboçaram com fidelidade varia o systema evolutivo da structura externa das sociedades estudada nas suas instituições historicas. Ao mesmo tempo, por outro lado, começava a explorar-se a mina das mythologias e da poesia popular, e a linguistica, instrumento de uma precisão cada vez maior, permittia que a erudição progredisse nesta esphera, parallelamente aos progressos do estudo das instituições remotas. Com todos estes elementos, avolumando dia a dia de um modo quasi maravilhoso, póde já esboçar-se, de um lado o quadro genealogico das familias humanas, do outro a theoria critica das origens da civilisação.

O trabalho de investigação do ultimo meio seculo deu a maior das colheitas feitas pela archeologia geral. Estará varrido o campo, e nada mais haverá a respigar? Não; pelo contrario. Apenas se desenharam os lineamentos geraes d'esta novissima éra do saber: falta muito, muitissimo, para preencher cada uma das secções particulares. Ha pois que proseguir, minando, escavando. Ha tambem que ter pressa, porque dia a dia desapparecem documentos preciosos para o estudo. E' mister inventariar rapidamente as reliquias de um passado que a acção destruidora da vida culta supprime hora a hora com uma energia progressiva.

Os usos, as crenças, as cantigas, as tradições archaicas de um povo são os documentos da sua ascendencia e as provas da sua linhagem. Archiva-los, é preparar os elementos indispensaveis para o estudo da sua existencia historica.

Porto, 9 de Setembro de 1882.

OLIVEIRA MARTINS.

*

Conto popular

Uma vez andava Nosso Senhor com S. Pedro e encontraram uma mulher que ao Domingo estava a trabalhar. Nosso Senhor disse-lhe: «Oh! mulher, então tu a trabalhares ao Domingo?!» A mulher respondeu: «não! que elle (o dinheiro) não me cae das telhas do telhado!» E continuou trabalhando.

Outra vez, em dia de semana, e Nosso Senhor que andava com S. Pedro, encontrou uma mulher que se estava baloiçando numa corda. Muito admirado disse-lhe: «Oh! mulher, então tu ao dia de trabalho estás-te (sic) a baloiçar!» A mulher respondeu: — «Eu cá estou á conta de Deus». E continuou.

Passado tempo S. Pedro procurou Nosso Senhor e disse-lhe: «Oh! mestre, porque mataste aquella pobre mulher que estava a trabalhar ao Domingo por ter muitos filhos que sustentar, e aos quaes fez tanta falta, e porque é que fizeste que aquella outra mandriona que se estava a baloiçar ao dia de semana tivesse uma grande herança?»

O Senhor respondeu: «E' porque a primeira não se importou comigo e eu deixei-a á Morte, e a segunda entregou-se á minha conta, e eu fi-la rica». (Lisboa, contado por minha mãe).

Lisboa.

Z. Consiglieri Pedroso.

Dois costumes populares minhotos

I

Para que o sangue do pôrco fique bem cosido, é preciso chamar pelo animal, como se elle estivesse vivo. No Minho *chamam-se* os porcos de differentes modos: «*cocho!*

cocho!—*cochinho! cochinho!* [1]—*guri, guri;* mas ha um quarto modo, que a escrita não sabe reproduzir,—um estalido redobrado, que tem o seu quê de chiante, e que só póde comprehender quem o ouviu,—e que é o unico empregado na operação que nos occupa. O curioso da superstição está no titulo porque ella é conhecida: «*chamar a alma do porco*». [2]

II

Ninguem recebe uma foucinha da mão de outra pessoa. Quem commettesse tal imprudencia «talhar-se-hia» infallivelmente nos primeiros trabalhos que fizesse com ella. Por isso a pessoa que dá a foucinha crava-a na terra pela ponta; a que a recebe, pega-lhe pelo cabo. Assim não ha perigo.

Ancora.

F. MARTINS SARMENTO.

Poesia popular gallêga

I

(DO BERÇO)

Èh! êh! âh!
Teu pay bae na lêña,
Tua nay bae no moiño,
Ben ahi co'a fariña
P'ra facê-la boliña.

II

Quen me dera estar tan alto
Como a estrela do Norte,
Para vê-lo que se pasa
Em S. Tiago esta noite.

---

[1] [Em cast. e mdz. *cochina* significa *porca* (Cf. fr. *coche*). Não é este o unico caso que conheço da voz com que se chama o animal ser egual ao proprio nome d'elle.—J. L. de V.]

[2] [Cf. nas minhas *Trad. pop. de Portugal,* p. 198, uma superstição da Maia.—J. L. de V.]

III

Do mar ven no pescado
E das montañas o trigo,
De S. Tiago o despacho
Para me casar comtigo.

IV

As meniñas de Moledo,
Cando van para casar,
Levan un oso no sêo
Para sugar no altar.

As meniñas de Moledo,
Cando van para a misa,
Achegan no lume
Co'a fraldra da camisa.

As meniñas de Moledo,
Cando van levá-las crabas,
Levan no prato no sêo
Para apaña-las cagallas.

V

Em tempo de figos
No' hai amigos.

VI

Miña nay, ahi ven nos de Castilla,
Sarrai-ll'a porta, ponde-ll'a carabilla.

Todas as poesias transcriptas ouvi-as no Porto a gallegos. Assim, ainda que muito singelamente, fica tambem representada neste *Annuario* a Galliza, essa sympathica provincia, que, se pela politica é hispanhola, pela lingua é portugueza.

J. Leite de Vasconcellos.

A lenda de D. João, em Portugal

CONTO DA MIRRA

Um rapaz muito folgazão quiz dar uma grande festa no dia dos seus annos; foi por casa de todos os seus amigos a convida-los para irem jantar e ceiar com elle. Quando voltava para casa, encontrou ainda um amigo em frente do cemiterio, e depois de o convidar tambem, ficou a conversar muito satisfeito. Estando nisto deu com os olhos em uma mirra (esqueleto) ainda revestida de alguma carne, que estava pegada a uma parede, e disse-lhe mofando:

—Se quizeres vir tambem ao banquete dos meus annos...

A mirra respondeu:

—Lá irei.

O rapaz ficou espantado, e perguntou ao amigo se tinha ouvido alguma voz. Como este lhe dissesse que nada tinha ouvido, elle pela sua parte não se atreveu a revelar o caso. Foi-se d'ali cheio de susto, e, ao passar por casa do prior, fez confissão do acontecido.

—O que foste fazer, homem! Não sabes que com os mortos não se brinca?

—E agora?

—Agora, não tens remedio senão sujeitares-te ao que succeder. Manda pôr na meza mais um talher, ainda que não seja senão como satisfação do convite.

A noite correu no meio de dansas, até que os convidados foram para a meza. Ao soar a primeira badalada da meia-noite, bateram á porta. O rapaz, todo a tremer, foi vêr quem era, e recuou, abrindo. A mirra entrou vagarosamente, dirigiu-se para a meza, e sentou-se no logar que estava desoccupado. Comeu, comeu, e depois levantou-se e disse para o mancebo:

—Pois bem; já que fizeste o favor de me convidar para o teu banquete de annos, tambem te peço que âmanhã a esta mesma hora vás ceiar commigo.

Ditas estas palavras foi-se embora. O rapaz ficou ainda mais aterrado do que antes; não pôde dormir, até que ao outro dia foi ter com o prior para lhe contar o caso.

—Não tens outro remedio senão ires; saes-te mal, e muito, se faltares. O que te posso fazer é emprestar-te a capa com que digo missa, para te defenderes com ella.

O rapaz sujeitou-se. Lá por alta noite foi para o adro da egreja, a tremer como varas verdes; e ao dar da meia noite em ponto, o rapaz bateu-lhe á porta, e a mirra appareceu, e levou-o comsigo para dentro.

—Vês estas covas, aqui?

—Vejo.

—Pois uma é a minha, e a outra seria para ti; mas o que te vale é vires vestido como Christo. Agora o que te digo é que nunca mais brinques com os que estão mortos.

O rapaz, sem saber como, achou-se fóra da egreja, como se voltasse a si de um pesadelo; teve uma grande doença, e em todos os dias da sua vida nunca mais se esqueceu da lição.

*

* *

Este conto pertence á tradição popular do Algarve, e foi-nos communicado pelo nosso bom amigo Reis Damaso com outros muitos que nos revelam a riqueza immensa da novellistica naquella provincia. No começo da nossa formatura ouvimo-lo tambem a um estudante de Guimarães, d'onde inferimos a sua extensa vulgarisação. Na lenda de D. João deve ter-se em vista que ella se divide em duas partes, a vida do seductor (temo-la no romance insulano de *Joãosinho o banido*) e o convite do morto; este conto completa-nos essa tradição sobre que se crearam as mais bellas obras da litteratura e da arte.

Lisboa.

THEOPHILO BRAGA.

Poetas populares portuguezes

Chama-se vulgarmente poesia popular á poesia tradicional, que todos sabem, e que por isso, com leves variantes de fórma, tanto se ouve no Algarve como no Minho, na Extremadura como na Beira-Alta; mas existe uma outra poesia, tambem de origem popular, e que não é tradicional. Evidentemente cada uma d'ellas teve um auctor espe-

cial; mas, emquanto que a primeira é anonyma, e, transmittida através dos seculos e das gerações, ha reflectido em si a vida social d'aquelles que a cantam ou a recitam e as várias fórmas da linguagem correspondentes ás diversas edades, — a segunda não deixa de ser considerada como de um determinado auctor, e, quando se não perde logo no momento do improviso, raras vezes é repetida, e por poucos. A poesia popular anonyma e tradicional recebeu a consagração das multidões, porque todas ellas se servem d'ella como de um meio de expressão, e lhe introduziram uma ou outra variante, uma modificação tal ou qual, pelo que se póde denominar *collectiva*; a poesia popular individual representa em geral apenas o modo de ser de um só.

No presente curto esboço vou fallar de alguns poetas populares portuguezes; como o assumpto ainda está virgem, com relação aos tempos modernos, não posso ser completo, e peço aos meus leitores que souberem da existencia de mais alguns poetas, ou de suas obras, o favor de m'o indicarem, para nos annos subsequentes continuar este trabalho.

I

E' costume nas aldeias convidar certos individuos, que sabem musica, para irem cantar e tocar nas festas publicas e particulares, pelo que lhes dão uma determinada quantia. Se esses individuos tocam rebeca, chamam-se (na Beira-Alta) *rabequistas*. Ao lado d'elle juntam-se os tocadores da viola, dos ferrinhos e do bombo, e em frente estendem-se duas filas parallelas, uma de rapazes, outra de raparigas, a dançarem a chula. E' isto o que constitue o *descante*. Muitas vezes os musicos são cegos. Na Beira-Alta, ao pé de Lamego, vivia um homem ha annos, chamado José de Almeida Candido, que, alem da prenda da rebeca, pelo que frequentemente o convidavão para as festividades, possuia a da poesia. Estando elle um dia, por occasião de uma

funcção de egreja, em companhia de quatro padres e outras pessoas á espera do prégador, que já tardava, perguntaram-lhe:

— Que ha-de ser, ó meu Almeida,
Se nos falta o prégador?

Respondeu elle de improviso:

— Já cá temos quatro padres,
Qual d'elles mais impostor...

E' esta a unica anedocta que conheço da sua vida, e tambem a unica producção que possuo da sua musa de repentista.

II

Na Beira-Alta ha os *rabequistas*; no Minho e Douro ha os *cantadores* e as *cantadeiras*, que, tambem por um certo preço, vão cantar *ao desafio* ás differentes terras, em occasião de festas, como o Entrudo, etc. Uma vez que eu recolhia das ferias do Natal de 1881 assisti em Famalicão a um desafio por occasião do peditorio dos *Reis* (6 de Janeiro), sendo uma das improvisadoras Custodia Cantadeira, que, segundo me lá disserão, é a melhor cantadeira d'aquelles sitios. Infelizmente não pude apanhar senão as seguintes quadras por ella improvisadas então:

Fallámos em cortezia,
Não na sabemos usar:
Fallámos em Jesus-Christo,
Não no sabemos louvar.

Esta minha derradeira...
Não tem senão perdoar;
Eu peço agora a todos
Para me desculpar.

Se muitas vezes os versos dos improvisadores são de pouco merecimento, o que é mais frequente, outras porém encerram pensamentos alevantados e satyras finas.

III

Faz-se em Penafiel, por occasião da festa do Corpo de Deus, uma curiosa dança de ferreiros vestidos de calção, meia e collete branco, e além d'isso adornados de flores e fitas, e empunhando espadas. Um ferreiro, poeta popular, fez as seguintes cantigas allusivas, as quaes me foram dadas por um meu amigo que as obteve do *juiz da dança dos ferreiros:*

A nossa arte é o ferro,
Com ella vimos dançar:
Sem nós trabalharmos primeiro,
Ninguem póde trabalhar.

Com os ferros que ajudaram
A guerreiros bem valentes,
Pois defenderam a fé,
Vimos hoje bem contentes.

Senhores, elle é com o ferro,
Por ser nossa profissão...
Nós vimos com muito gosto
Celebrar esta funcção.

Nem os reis podem ser reis,
Se lhe faltar os ferreiros:
Com o ferro se vence a guerra,
Com o ferro se cunha dinheiro.

Desculpae-nos, pois, senhores,
A honra do grande dia,
Os nossos erros e faltas,
E as nossas ousadias.

Estes versos creio que são cantados. Como se vê, revelam a franqueza rude do ferreiro; alem d'isso offerecem algumas particularidades da grammatica e metrica populares: o emprego do pronome *elle* na oração impessoal do 1.º verso da 2.ª estrophe, emprego vulgar, como *elle chove*, *elle são horas*, etc.; a fórma impessoal na 4.ª estrophe, em vez da pessoal (*faltarem*), o que tambem é vulgar; *lhe* por *lhes*, muito frequente nos classicos; as rimas—*eiros* com *eiro*,—*ia* com *ias*, egualmente vulgares.

IV

Os cegos são realmente uns entes sympathicos pela sua desgraça; mas essa sympathia augmenta quando elles fazem por supprir com o merecimento o defeito physico. E' muito conhecido no Porto o cego popular, pobre e analphabeto, Nabiça, como auctor de varios folhetos poeticos da *litteratura de cardel*. Ha d'elle um, intitulado *Dialogo entre o vinho e a agua*, que é curioso pelas seguintes analogias.

A pag. 596-8 da revista scientifica de Paris a *Romania* (Outubro de 1877) publicou o snr. W. Smith, sob a rubrica, *Un debat chanté*, umas canções populares de Vorey nas quaes se celebra uma porfia entre o vinho e a agua. A proposito, o mesmo A. cita fragmentos de mais duas canções, uma que se canta em Marlhes-en-Forez, a outra contada pelo sapateiro Avinain, de Chamalières, e mostra como desde o seculo XIII esse assumpto tem sido tractado pelos litteratos. Eis algumas analogias entre a obra de Nabiça e as canções francezas:

Na canção de Volney lê-se:

4. Voici le Vin qui lui répond d'une grosse manière:
«Moi fais chanter les hommes quand illes sont à table
Et les fais vivre en riant dans leur petit ménage».

5. Voici l'Eau qui lui répond d'une douce manière:
«Moi l'on fait la lessive pour blanchir ta chemise,
L'on me dresse des moulins pour faire la farine».

7. Voici l'Eau qui lui répond d'une douce manière:
«Moi sers au saint baptême, toi tu n'es pas de même:
J'admets les enfants du monde au saint nom de l'Eglise».

O nosso poeta popular diz:

VINHO: Sou o luxo das tabernas
Dou grandeza aos arraiaes,
E tambem prazer a muitos
Dentro de finos crystaes.

AGUA: Sejão vasos de madeira
De louça fina ou crystal,
A todos vou dar limpeza
Deixo a todos por egual.

AGUA: Outra virtude mais tenho
De tão grande estimação:
Que foi Christo baptisado
Com a agua do Jordão;

«S. João baptisou Christo
Christo baptisou João:» [1]
Todo o impero crystallino
Ficou cheio de benção.

Com a mesma virtude
Aos racionaes baptiso,
Para que possam entrar
No celeste Paraiso.

Na canção de Marlhes-en-Forez vem;

Hélas! que tu es folle,
Disait le Vin à l'Eau:
Toujours tu cours, tu voles,
Tout le long d'un ruisseau.
De même qu'une errante
Toujours tu suis la pente.

Agora Nabiça (falla o *Vinho*):

---

[1] Estes dois versos a que eu puz umas aspas pertencem á seguinte cantiga tradicional do S. João:

Oh que lindo baptisado
Se fez no Rio Jordão:
S. João baptisou Christo,
Christo baptisou João!

A palavra *benção,* na linguagem popular, tem o accento na ultima syllaba (lat. *benedictionem*).

Basta que andas de rasto,
Como a cobra no espinhado:
Vagueias só pelo mundo,
E eu estou arrecadado.

E' dictado bem antigo,
E costuma-se dizer:
«Fazenda que anda de rasto,
Pouco valor póde ter!»

O sapateiro Avilain canta:

L'Eau lui répond sans s'inquièter:
«Tu veux donc bien me chagriner?
Que deviendrais-tu ici sans doute

Si j'arrétais toutes mes sources,
Car s'il manquait mon arrosée
Que deviendrais-tu avec ton bois tordu?»

E o cego portuguez (falla a *Agua*):

No mundo nada se cria
Sem a minha protecção,
E tu me és obrigado,
Se conheces a razão.

Não vês provas evidentes
D'esta razão verdadeira?
Que deixavas de ser vinho,
Se não regasse a videira!

Segundo se vê, o cego portuguez nas poucas canções que transcrevi (ao todo são 198, correctas e com certo discernimento) não apresenta nada de novo; mas como explicar a coincidencia? Nabiça inventou o seu assumpto, ou achou-o na tradição popular de que elle ás vezes aproveita as ideias, como acima mostrei? Ainda não encontrei esse assumpto na tradição. É possivel que, assim como a *Histoire des trois bossus de Bésançon* e a de *la belle Maguelone* francezas, e a *Historia dos tres corcovados de Setubal* e a *Princeza Magalona* da nossa litteratura de cordel encerram analogias que se não podem explicar independentemente, creio que o *Debat chanté* e o *Dialogo entre o vinho e a agua* estão no mesmo caso. O que comtudo não padece duvida é que Nabiça desenvolveu muito o assumpto.

J. Leite de Vasconcellos.

Dictados topicos de Portugal

[Tendo eu dado á estampa em 1882 um pequeno folheto, *Dictados topicos de Portugal* (colligido da tradição oral), alguns amigos, a quem offereci exemplares d'elle, dignaram-se enviar-me novos materiaes que, com o meu reconhecimento, aqui publico. — Ao snr. Romero y Espinosa agradeço tambem os dictados topicos hispanhoes que publicou, a proposito do meu opusculo, in *El Eco de Fregenal*, n.º 147. — Numa nova edição do opusculo accrescentarei os mais que depois da 1.ª ed. reuni. — J. L. de V.]

I

Hoje, que o estudo dos costumes e tradições populares vae achando um certo interesse entre nós, como o tem achado, em maior ou menor grau, nos outros paizes, depois que a importancia d'esse estudo foi demonstrada, convém chamar a attenção dos investigadores para alguns dos pontos d'esse vasto campo, a que se tem dado menos attenção. Até hoje entre nós tem-se explorado: 1) a poesia popular; 2) as superstições; 3) os jogos infantis; 4) os enigmas populares; 5) os contos populares; 6) os proverbios, o ramo ha mais tempo explorado das tradições portuguezas; 7) as lendas (em pequeno grau, e, em geral, mal). — Indicaremos mais os seguintes objectos á exploração [1]:

A 1) Alcunhas dados aos habitantes de differentes povoações; 2) dictos tradicionaes e anedoctas a respeito dos logares e seus habitantes; 3) noticias de rivalidades entre habitantes de logares visinhos, ou mesmo habitantes de dois bairros.

---

[1] [Parte d'esta nota estava já escrita, postoque inedita, antes da publicação do folheto. — J. L. de V.]

b Gestos do povo. — Vamos dar alguns exemplos. *a*) Os habitantes de Thomar chamão *batoteiros* aos do logar de Pedreiro, e *mantas-rotas* aos de Carregueiros; os de Olhão não gostão que lhes chamem *Mellos*. — Devem-se colligir as allusões, como: *amigo de Peniche; seu creado Mathias de Alverca; Porto, — nariz torto; Coimbra, — coisa linda; é de Braga, chama-se Lourenço; é como os da Mealhada, — o que dizem á noite, — pela manhã não é nada; musica de Cernache; orgãos de Souzellas.* Os da Lourinhã, como é sabido, passam injustamente como typo de lorpas (João Fernandes da Lourinhã); em Celorico de Basto, essa qualidade é attribuida aos de Ermello, de quem se contam muitas anedoctas tradicionaes em que figuram povoações de reputação semelhante nos outros paizes. Conta-se que os de Pena-joia (Douro), que vivem do fructo das suas cerejas, quando vão com os burros carregados, no tempo da cereja, se encontram alguem que lhe perguntam d'onde são, respondem com altivez: «Sou de Pena-joia; a espada vae na burra!» Mas no inverno respondem em tom lastimoso: «Sou de Pena-gia!». Conta-se uma anedocta semelhante dos habitantes d'um logar da freguezia do Sobral. — Em Lisboa muitas pessoas conhecem o apodo:

> Os cães de Carnide,
> Cadellas de Lumiar,
> Acudi ás de Bemfica
> Que se querem afogar.

O padre Carvalho, na Chorographia, falla do costume dos vareadores de Barcellos irem varrer a camara de Guimarães. — *a*) Vá bugiar! — Regateiras de Coimbra. — Figas. — Surriada. — Onze lettras. — Signal de *não* com o dedo.

A rivalidade entre logares pode ter origem ethnica (odios por ex. entre os da serra e os da planicie, — já nas antigas tradições gregas, etc. entre os antigos habitantes e as colonias). Em Coimbra os do Bairro-baixo são *tripeiros*,

os do Bairro-alto são *salatinas*. Pela Quaresma, uns e outros faziam *misereres* (procissões com o Senhor dos Passos), e quando dois *misereres* dos dois bairros se encontravam, punham-se os andores no chão e começava a pancadaria. O costume passou dos adultos para os rapazes. E' impossivel não vêr neste costume um resto do antigo ódio entre os da villa e os do arrabalde.

Ha muita cousa neste genero, cujo estudo lhe recommendo.

F. Adolpho Coelho.

II

Os seguintes dictados e cantigas populares recolhi-as em Villa Nova de Gaia e arredores, mas dizem-se tambem noutras terras do Douro:

Bois de Ramalde,
Homes de Silvalde,
Mulheres de Santo André,
Libra nós e dóminé.

Os da Balga (Oliv. d'Azemeis)
Bebem o vinho
E quebram a malga.

Zagães, (Oliv. d'Azemeis)
Perna curta,
Pae dos cães.

Os de Arcozello
Limpam o c... co'o dedo.

Não vás ó serão a Avintes,
Nem pr'a lá botes o geito:
Olha que as môças d'Avintes
Tem na semente do feito. [2]

Se Armental tivera renda
Como tem de gravidade,
Carregosa fôra villa
E Arrifaninha cidade.

Villa-Nova já foi villa,
Agora é um chiqueiro:
Quem quizer môças bonitas
Vá ao Rio de Janeiro.

---

[2] Sobre o *feito*, cf. as *Trad. pop. de Portugal*, por J. Leite de Vasconcellos, § 239-*c*-*d*.

Perguntas-me d'onde eu moro
Minha terra é Serzedo,
Terra de muito ramalho,
Onde canta o cuco cedo, [3]

Não ha terra como a minha,
Nem um logar como o meu,
Nem cidade como o Porto
Nem sé como a de Vizeu.

Os habitantes de Perosinho chamão-nos *leiteiros;* os de Avintes *porqueiros*, os de Serzedo *polainas*, os de Villar de Paraiso *gravatinhas*, os de Oliveira do Douro *rabões*, os de S. Christovão *ceirinhas;* as mulheres de Magdalena chamão-se *amazonas*, as de Canella *bruxas;* quem quizer fazer zangar os moradores de Serzedo diga-lhes: «virae a porta para o mar»; os rebellos (barqueiros do Douro), zangão-se egualmente quando alguem lhes diz: «cóça, cóça... carrega ao prégo, carrega ao prégo... a panella tem cominhos (ou *gominhos*)... a panella estoirou».

Villa Nova de Gaia.

J. VIEIRA DE ANDRADE.

III

O primeiro trabalho d'este genero que appareceu em Portugal foi o do nosso amigo J. Leite de Vasconcellos. A leitura d'esse folheto publicado em 1882, despertou-nos a curiosidade pelos ditados locaes do nosso povo. Como o auctor declara em nota 13, este seu trabalho é deficiente, promettendo augmenta-lo em outras edições. Por isso vamos fornecer-lhe os materiaes que neste momento podemos colher da tradição do Algarve:

Os de Lagôa são *linguareiros;* — conta-se que tendo-se pedido grande segredo de certos amores reaes escandalosos a uma mulher, esta logo foi papaguear tudo ao rei e *dar a lambideira* por toda a villa.

---

[3] Sobre as relações entre o *cuco* e o *casamento,* vid. *Trad. pop. de Portugal,* § 284.

Faro — tambem terra de judeus, porque ha alli muitos comerciantes d'esta raça, todos com um grande rabo. Um judeu que queria confundir e metter a ridiculo um poeta christão e a sua religião deu-lhe um mote que este glosou assim:

Jesus Christo na barguilha.
A'qui d'el-rei da quadrilha
E cidade de Viseu
Venha cá *siôr* judeu,
Dê-me cá a sua filha
Que eu quero dar-lhe
O que Deus me deu
Jesus Christo na barguilha. [1]

Os de Olhão são os dos *Santos orgãos*. Consta que se fez uma subscripção entre todos os habitantes da villa para se comprar um orgão para a egreja, que o não tinha, e que um dia, indo toda a povoação assistir ao desembarque do orgão, mandado encommendar a Lisboa, ao abrir-se o caixote na praia, em vez do que esperavam, acharam cornos. Todas as mulheres diziam: — A mim pertencem-me dois porque o meu marido subscreveu com o dobro. Os habitantes d'Olhão em se lhe fallando nos *Santos orgãos* arrenegam-se.

Os de Armação de Pera são os do *prego*. Conta-se que houve um casamento na terra e que o noivo ia a cavallo, descalço e com um prego servindo de espora amarrado ao pé por uma correia. Os habitantes d'esta povoação em se lhe dizendo «larga o prego» zangam-se e correm atraz de quem tal disser, batendo-lhe se podem.

Os d'Alvôr — são os que roubaram o *Senhor*, porque dando á costa um Senhor dos Passos destinado a outra fre-

[1] Ha poucos annos ainda no Algarve se attribuiam estes versos ao poeta Camões!

guezia, como dizia o letreiro collado numa perna da imagem, calaram-se com o negocio e fecharam o Senhor á chave numa carneira.

Os de Budeus são *casmurros.*

Os de Estoy são os do *garrocho.* As mulheres de Estoy, em se lhes fallando no garrocho, insultam e excommungam a quem o diz.

Esperamos em breve reunir mais alguns d'estes apodos, bem como cantigas ás terras.

Reis Damaso.

Analecta

Nesta secção reuno varios fragmentos de peças populares, como contos, etc., pedindo aos leitores que puderem obter essas peças completas o especial obsequio de m'as remetterem, ou de as publicarem, porque o caso está em as tornar conhecidas. Não me cançarei de recommendar que deve haver o maximo cuidado em nada alterar do que o povo diz, — nem no estylo, nem nas fórmas da linguagem.

I. Conto — Ouvi na Beira-Alta um conto popular em que entra um tolo que é encarregado de guardar a casa; vae á adéga (pronúncia pop. *adêga*), tira o batoque de uma pipa e põe-se a beber; como porém perde o batoque, chama a cadella e mette na pipa a cauda do animal a servir de batoque; depois vae ao quintal, e precisando da cadella, creio que para espantar uns ladrões, chama por ella, que, para acudir ao grito, larga a pipa e deixa entornar o vinho pelo chão. O tolo, para encobrir á familia o succedido, lança farinha no chão humido do vinho.

(Cf. A. de Gubernatis, — *Myth. Zoolog.* I, 214.)

II. Conto. — Na mesma provincia ouvi outro conto

em que entram quatro animaes, sendo um d'elles o gallo. Não sei a que proposito dizem elles:

Vamos todo quatro
Que ninguem nos mette papo.

O gallo, não sei tambem a que proposito, exclama num dos pontos do conto: *Mostra-lhe a ordem!* (bis).

III. Conto.—Na mesma provincia ouvi em pequeno outro conto onde entram tres filhos de rei, um dos quaes possue um oculo pelo qual se vê tudo, outro uma laranja que cura qualquer doença, e outro a coberta que transporta a todas as distancias quem se nella sentar. Quando os tres filhos estão ausentes, a irmã adoece; mas, como o do oculo a visse doente, o do cobertor fê-los chegar num instante a palacio, e o da maçã deu-lhe saude. (Cf. Gubernatis, ib. I, 135).

IV. Conto.—E' ainda da Beira-Alta este fragmento: uma rapariga tem de ir dormir de noute a um moinho, e pela estrada vae gritando: «O' d'aquem! ó d'alem! Quem quer ir dormir comigo ao moinho?» Depois ouve esta resposta, numa voz medonha: «Eu vou! eu vou!». Era o Diabo, que depois, se bem me lembro, a matou, pondo-lhe a pelle ao sol e a carne numa panella a ferver ao lume; a mãe da rapariga, ao ir visita-la, ficou toda contente quando viu este arranjo, porque cuidou que a filha tinha (uma meada?) a córar e um banquete a preparar, e por isso começou a comer a carne da panella. O Diabo, que estava de traz da porta a observar tudo, disse:

Rilha, rilha,
Os ossos da tua filha!

(Cf. as minhas *Trad. pop. de Port.*, § 348-*gg*).

V. Conto. — Ha um conto chamado *Historia do rei Minas das pernas amarellas.* O rei *Minas* era um bicho que estava encantado no fundo do mar e depois obteve que um pescador lhe levasse a filha para dormir com elle: ella de noute accendeu uma vela e deixou cahir cêra em cima do bicho, que fugiu queixando-se de que o encanto lhe tinha sido dobrado; a rapariga foi depois procura-lo aos reinos do *Vento*, do *Sol* e da *Lua* (Beira Alta).

(Cf. *Romania*, x, 717).

VI. Superstição. — Conhecem os leitores esta superstição de fazer barulho quando ha um eclypse? Em que consiste esse barulho? Em que ponto de Portugal?

VII. Maravilhoso. — Sabem alguns contos a respeito de gigantes e anões (vulgò *anáios* e *anainhos)*?

J. L. de V.

Poesias populares da Madeira

I

SOLTEIRINHOS

1) Lo amor d'uma viuva
E' um caldo refervido;
Nunca nenhum é tão bom
Como lo outro marido.

2) Lo amor d'homem viuvo
E' caldo a referver;
Nunca nenhuma tão boa
Como la outra mulher.

3) Noivos ou noivas viuvas,
Nã são coisa de meu gosto;
Quem quer los amores viuvos
Quer la manhã ao sol posto.

4) Para bem puxar á canga,
Devem ser novos los bois;
Elle e ella solteirinhos
Casarem ambos los dois.

II

CANTIGAS DO PESCADOR

1) Já lo barquinho vae n'agua,
Deus dê vento a favor;
Que lá vae, de mão no leme,
Lo meu bem, que é pescador.

2) Contadas essas pedrinhas
Que la maré deixa atraz,
São tantas!—Pois nã são tantas,
Como soidades me faz.

3) Se ides ao mar pescar,
Que boa pesca vos deixe;
Nã soides tolo, fingide;
Quanto mais tolo, mais peixe.

4) Se ides ao mar pescar,
Vede que peixe pescaes;
Não apanheis la garopa,
E' peixe de tres signaes.

5) Se ides ao mar pescar,
Olhae lá ao tubarão;
Elle come gente viva;
Elle é mau do coração.

6) Se ides ao mar pescar,
Olhae lá ao voador;
Nã me fujaes, ó meu peixe,
Nas azinhas do amor.

7) Este meu coraçãosinho,
Pequenino como é,
E' marzinho de ciumes,
Onde nã vasa maré.

III

MALMEQUER

Lo pobre do malmequer
Que nã faz mal a ninguem,
E todos a desfolhal-lo
P'ra vêl-la a signa que têm [1].

Lisboa.

IV

DESAFIO AMOROSO

Meu castello, nã te rendas,
Deita bandeira, se queres;
No combate dos amores,
Nã te vençam las mulheres.

ALVARO RODRIGUES DE AZEVEDO.

[1] [Sobre a superstição com o mal-me-quer, vid *Trad. pop. de Port.*, § 242-*b*. — J. L. de V.]

Os Lusiadas de Camões e as tradições populares portuguezas

A epopeia de Camões é bella e admiravel não só por se nella pintar, com uma grande imaginação, em magnificas estrophes cheias de philosophicos epiphonemas e graciosas imagens, a descoberta de um novo caminho para a India, mas porque a proposito d'esse facto fundamental da nossa historia maritima, se agrupão todas as aspirações, todas as crenças, emfim, todo o viver da sociedade portugueza. Agora quero occupar-me apenas das tradições populares nacionaes.

No cant. II, est. 18 (ed. da *Actualidade*), parece fallar-se da *celeuma:*

> As ancoras tenaces vão levando,
> Com a *nautica grita* costumáda;

na est. 25, porém, do mesmo cant., falla-se positivamente:

> A *celeuma* medonha se levanta
> No rudo marinheiro, que trabalha.

A *celeuma*, segundo a definição de M. de Faria e Sousa, nos *Commentarios* (t. I, pag. 407) «es la voceria de los marineros juntos, respondiendo, ó repetindo voces a uno que primero las entona solo». Actualmente os pedreiros, quando andam a levantar pedra, produzem uma voz alta e aguda que se assemelha á *celeuma* (vid. as minhas *Trad. pop. de Port.*, § 343-*d*). O snr. Th. Braga considera a celeuma como uma cantiga de levantar ferro; é certo que os marinheiros cantam umas poesias proprias, mas não sei com que fundamento se devam chamar *celeuma*. A celeuma, segundo concluo dos AA. e diccionarios, não passava de um grito ou vozeria.

No cant. III, est. 128, os versos a respeito de D. Ignez

> Vede que fresca fonte rega as flores,
> Que lagrimas são a agua e o nome amores

alludem a uma tradição verosimilmente erudita. O que é vulgar é dizer-se ainda hoje que as pedras da fonte tinham ficado tintas de sangue de Ignez. Tambem se diz nas aldeias que, quando alguem é assassinado, fica o sangue na terra á vista a pedir vingança.

No cant. IV, est. 3, menciona-se este milagre a proposito da acclamação de D. João I:

> ..... em Evora, a voz de uma menina,
> Ante tempo fallando, o nomeou;
> E como cousa em fim, que o céo destina,
> No berço o corpo e a voz alevantou;
> «Portugal! Portugal!» alçando a mão,
> Disse, «pelo Rei novo, Dom João».

Já nas minhas *Trad. pop. Port.*, § 335-*o*, me referi a este e outros prodigios infantis portuguezes antigos.

A ideia popular, postoque abominavel, de desprêso contra os gallegos acha-se no mesmo cant., est. 11. Este desprêso, não ódio, tem raizes muito antigas, como se vê. Ha mesmo uma lenga-lenga, que principia:

> Duzentos gallegos
> Não fazem um homem,

e um adagio refere-se tambem ao caracter obediente e humilde d'esse povo nosso irmão, que tantos serviços nos presta no paiz.

No mesmo cant. est. 26, diz Camões ao narrar a aproximação da batalha de Aljubarrota:

Estavam pelos muros temerosas,
E de um alegre medo quasi frias,
Rezando as mães, irmãs, damas e esposas,
Promettendo jejuns e romarias.

O povo portuguez nunca confia nos seus proprios recursos, e por isso, em todos os accidentes da vida, invoca a protecção sobrenatural. Os costumes que Camões descreve são vulgares ainda hoje. A Egreja portugueza está cheia de offertas provenientes de promessas: o convento da Batalha, em memoria de Aljubarrota, é um exemplo entre mil.

No mesmo cant., est. 45, continúa a mesma ideia:

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria,
Com offertas despois, e romarias,
As graças deu a quem lhe deu victoria.

No cant. v, est. 1, descrevem-se os costumes da partida das náos:

E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céo ferimos,
Dizendo: — «Boa viagem!»

No mesmo cant., est. 18, apparece o *Santelmo*, a que os nossos maritimos de hoje chamam *Corpo Santo* (vid. *Trad. pop. de Port.*, § 145):

Vi, claramente visto o lume vivo
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.

No mesmo cant., est. 24, continuam os costumes maritimos, em cujo conhecimento Camões era eximio:

. . . . um marinheiro,
Prompto co'a vista: — «Terra! Terra!» brada.
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horisonte do Oriente.

No romance pop., a *Nau Cathrineta*, tambem um gageiro exclama:

Já vejo terras de Hispanha,
Areias de Portugal!

No cant. VI, est. 39, os marinheiros

Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

Effectivamente *contar historias* (designação popular) é um dos divertimentos favoritos do nosso povo, principalmente das mulheres e das creanças nas aldeias.

No cant. VIII, est. 18, relata-se esta importante superstição:

Olha Henrique, formoso cavalleiro,
A palma que lhe nasce junto á cova;

com que se podem comparar os factos que recolhi no livro *Trad. pop. de Port.*, § 254-*d-e-f*, e estes versos do romance do *Conde Aninho* (apud. os meus *Rom. pop. port.* n.º XIII) que se referem ás sepulturas de dois amantes:

De um nasceu um acipreste,
De outro um verde laranjal.

No mesmo cant., est. 23, escreve o poeta:

> Olha o signal no céo, que lhe apparece,
> Com que nos poucos seus o esforço cresce.

De superstições eguaes estão cheias as chronicas; para a tradição moderna, cf. o meu cit. livro, §§ 118 e 144.

No cant. x, est. 89, chama ao sol

> o claro olho do céo.

Tanto nas nossas tradições como nas extrangeiras é vulgar tal designação: Camões não faz mais do que inspirar-se da linguagem usual (Cf. *Trad. pop. de Port.*, § 11 e *addenda* no fim da obra).

No mesmo cant., est. 117, refere-se ao adagio popular «Ninguem é propheta na sua terra», quando diz:

> Olhae que se sois sal e vos damnaes
> Na patria, onde propheta ninguem é.

Egualmente noutra obra (*Disparates da India*), de que noutro vol. d'este *Annuario* espero occupar-me, Camões allude a muitos adagios.

Eis as tradições genuinamente populares que, a uma rapida leitura do poema, para este fim exclusivo, encontrei nos *Lusiadas;* ha outras tradições, ou de caracter historico, como a *Batalha de Ourique*, *Egas Monis*, *S. Vicente*, *Serra da Lua*, ou dos povos com quem os navegadores portuguezes se iam pondo em contacto: mas, como fica dito, nenhuma d'ellas tem entrada na pequena e singela secção que aqui abri.

J. Leite de Vasconcellos.

Entidades mythicas

Em todo o Algarve se crê na apparição de *Medos* ao meio-dia, á meia-noite ou ainda depois do toque das ave-marias. E' sobretudo no verão que os *Medos* apparecem, nas bellas noites de luar e ao pino do meio dia, pela força do calor, *quando tudo dorme ou descança* (sic). Por isso diz-se que em tal sitio apparece um *Medo*.

1. Em Lagôa e Estombar o numero d'essas apparições é enorme e todas teem o seu nome distincto e a sua lenda. Por exemplo: conta-se que no tempo em que Christo andava pelo mundo um pobre foi pedir um bocado de pão, para matar a fome, a uma lavradoura que morava mesmo ao pé da egreja. A mulher respondeu que não tinha nem migalha no armario. O pobre pedinte, que era Nosso Senhor Jesus Christo em pessoa, disse-lhe: «Em sangue vejas o primeiro pão que partires». E foi-se embora. A lavradoura, que era uma mulher muito mofina e já avançada em edade, logo que vio desapparecer o pobre, foi ao armario e partiu um pão. Immediatamente pôz-se a gritar horrorisada e cheia de remorsos porque o pão estava todo ensanguentado. Passados tres dias morreu e a sua alma não se salvou. Apparece nas noites de luar montada numa egua branca, fazendo um barulho infernal pelos campos, e soltando os bois que ruminam debaixo das alpenduradas. Todo o barulho é feito com taxos e panellas d'arame. Traz sempre na mão esquerda a faca com que partiu o pão, e na cabeça um toucado branco com muitas fitas encarnadas, que parecem *relampagos do inferno* (sic). E' a *velha da egua branca*, o terror da meia-noite em pino.

2. *O pretinho do barrete encarnado* apparece sempre á hora de maior calma. E' uma entidade graciosa que *faz figas e pirraças ás creanças*, para as enraivecer. Diz-se que é o filho mais novo do Diabo, que desobedeceu ao pae por

ser amigo das almas boas, principalmente das creanças. Por isso tem para estas tambem um caracter benevolo.

3. Entre as diversas entidades maleficas, o *homem do chapeo de ferro* sobresáe como a mais terrivel. Apparece logo que dá meia-noite e o gallo canta, á beira das estradas, por baixo das oliveiras, das figueiras ou junto ás fontes. Vagueia até á *terça noite*, umas vezes acompanhado d'um porco preto que grunhe de momento a momento, outras d'um grande veado cuja armadura toca o *zimborio das torres*, ou ainda d'um gallo negro como a *noite de trovões.* Todos estes animaes que acompanham o *homem do chapeo de ferro,* cada um na noite que lhe foi destinada, são o Diabo que toma diversas figuras. Esta entidade mythica tem o poder de affrontar a tempestade, de fazer parar o raio e de arrasar o mundo, caso o gallo, o porco ou o veado o inquietem. Tambem, para se vingar dos homens que odeia, assalta-os, rouba-os e mata-os. Depois tudo é fumo e labaredas que sahem da terra como vulcões. Traz um enorme chapeo de ferro enterrado na cabeça. E' uma figura colossal, tem a bocca rasgada como a d'um monstro, deitando chammas quando se enche de raiva, e a sua côr é a do bronze. Todavia foge quando avista a *velha da egua branca.* Diz-se que o *homem do chapeo de ferro* é um dos soldados que açoutaram Christo, e que por isso o Padre Eterno tornou medonha a sua figura.

*

*   *

Presentemente temos já em nosso poder muitas tradições algarvias. Da-las-hemos quando as tivermos estudado.

O que fica exposto é exactamente o que aquelle povo diz e crê.

Lisboa.

REIS DAMASO.

Jogos infantis portuguezes

I

OS DEDOS

a) Este achou um ovo (Pollegar). — Este assou-o (Index). — Este comeu-o (Maximo). — Este pediu-lhe d'elle (Annular). — E este disse : a mim, a mim — Que sou mais pequenino (Minimo).

b) Este é o dedo mendinho (Minimo). — Este é o seu visinho (Annular). — Este é o maioral (Maximo). — Este é o fura-bolos (Index). — E este é o mata-piolhos (Pollegar).

c) Este é o snr. João de Simões (Pollegar). — Esta é a porta por onde entra o snr. João de Simões (Index). — Esta é a chave que abre esta porta por onde entra o snr. João de Simões (Maximo). — Este é o velho que tem esta chave, etc. (Annular). — Esta é a velha, mulher deste, etc. (Minimo). — Esta é a pôtra, que é desta velha, etc. (Minimo da outra mão). — Esta é a egua, mãe desta pôtra, etc. (Annular). — Esta é a regada, onde pasta esta egua, etc. (Maximo). — Esta é a levada, que rega esta regada, etc. (Index). — Esta é a fonte donde nasce esta levada, etc. (Pollegar).

II

NUMERAÇÃO

Una — Duna — Tena — Catena — Cigala — Migala — Gavim — Gavião — Conta bem — Que dez são.

III

DIALOGO

— O que 'stá na gaveta?
— Uma jaqueta preta.
— O que 'stá na varanda?
— Uma fita branca.
— O que 'stá na rua?
— Uma 'spada nua.
— O que 'stá no poço?
— Uma casca de tremoço.
— O que 'stá na pia?
— Uma casca de belancia.
— O que 'stá traz da porta?
— Uma velha morta.
— O que 'stá no tilhado?
— Um gato malhado.
— O que 'stá na jenella?
— Uma fita amarella
— O que 'stá no ninho?
— Um passarinho.
— Vamos a ver se chia?
Chi, chi, chi, chi.

Estes jogos infantis, que fazem parte da minha collecção e que forão por mim recolhidos em Traz-os-Montes, no meu concelho (Carrazeda d'Anciães), são todos importantissimos sob o ponto de vista educativo, são alguns dos verdadeiros jogos gymnasticos que se devem usar nos *Jardins da infancia.*

Já tambem reconheceu a utilidade d'esta especie de jogos na educação da infancia o meu amigo e abalisado folklorista hispanhol, o snr. D. Antonio Machado y Alvarez (Demofilo) num artigo que se lê no 5.º n.º do *El Folk-lore Andaluz*, consagrado por elle a jogos hispanhoes parecidos com estes.

E ha bastante tempo já, tambem o snr. Adolpho Coelho expandiu esta mesma opinião numa bella conferencia que s. ex.ª fez na *Sociedade de Instrucção* d'esta cidade.

E' para sentir que ella não tenha sido publicada na *Revista* da mesma Sociedade.

Porto.

A. DE SEQUEIRA-FERRAZ.

Orações para afugentar as trovoadas

I

A S. JERONYMO

San Jirolimo s'alevantô,
Sês sapatinhos calçô,
Suas benditas mãos lavô,
Encontrô Jasu-Christo,
E o senhor lhe précurô :
— Onde vaes, Jirolimo?
— Eu senhor comvosco vô.
— Pois volta a trás,
Vae espalhar esta trovoada,
Espalha-a lá p'ra bem longe,
Onde não haja êra nem bêra,
Nem raminho de figuêra,
Nem pedra de sal,
Nem mulher com meninos,
Nem vacca com bezerrinhos,
Nem coisa a que faça mal.

II

A SANTA BARBARA

Santa Barbara bemdita,
Que no céo estaes escrita,
E na terra assinalada,
Com papel e agua benta,
Livrai-nos senhor d'esta tormenta.

Variante dos dois ultimos versos:

Quantos anjos ha no céo,
Acompanhem nossa alma.

Ambas estas orações forão colhidas em Villa-Boim, concelho de Elvas. Conserva-se a propria linguagem popular.

A. Thomaz Pires.

Uma superstição com os dentes

Muitas doenças cuida o povo que são produzidas por *bichos*, contra os quaes ha varias formulas. No Algarve, a creança que tira um dente deita-o para trás das costas para o telhado e diz

Moirão, moirão,
Péga lá o mê dente pôdre,
Dá cá o mê são,

cuidando que, se não fizer isto, lhe não vem outro dente. As pessoas que me derão esta informação não sabião a significação de *moirão*, mas como esta palavra é o nome de

um myriapodo, creio ter logar a aproximação seguinte: W. Stokes, in. *Rev. Celtique*, v, 391-2, publica isto:

Weevil, dark as lamp-black, eating two and thirty teeth,
By the blessing of Shekh Farîd, black weevil in the midst will die.
By the order of the Teacher Saint, one, two, three, four, five, six, seven,
Foh! Foh! Foh [1]!

Esta formula contra a *dor dos dentes* (toothache) é traduzida do *Indian Antiquary*, Fev. 1882, e o snr. W. Stokes commenta-a: «This mantra, — say the collectors, — turns on the superstition that toothache is caused by a weevil which eats into decayed teeth and destroys them, as a weevil will produce powder in wood... The object of this charm is to kill the weevil by invoking Shekh Farîd... a celebrated saint of the Sûfî or free-thinking sect of Muhammadans». O snr. Stokes compara-a com a seguinte fórmula traduzida do medio-irlandez:

May the thumb of chosen Thomas
in the side of guiltless Christ
heal my teeth without lamentation
from *worms* and from pangs!

cita ainda uma passagem correlativa de Shakespeare, e manda ver os trabalhos de Karl Bartsch, A. Kuhn e Th. Dyer.

As tradições citadas, da India e Irlanda, contéem, parece-me, a explicação da algarvia (que é commum ao Brazil [2]). Naquellas ha, como se vê, um animal, causador da dôr dos dentes, e um santo, advogado d'ella: na fórmula

[1] *Foh, foh, foh* represent three powerful puffs with the breath to drive out the weevil.

[2] Cf. as minhas *Trad. pop. de Port.* § 335-*g*'.

algarvia apparece apenas o animal, o *mourão*, mas em duas fórmulas que publiquei nas *Trad. pop. de Port.*, § 335-*g*', invoca-se S. João. Em Elvas, ao lado das fórmulas, um pouco apagadas,

> Telhado, telhado,
> Toma lá o mê dente pôdre,
> Deita cá o tê doirado,

existe outra, tambem ao que apparece, um pouco desviada do sentido original,

> Trigueirão, trigueirão,
> Toma lá mê dente pôdre,
> Dá cá o mê são,

sendo *trigueirão*, segundo os meus informadores alemtejanos, o nome de um passaro.

A existencia do nome de um santo numa fórmula ou numa superstição póde provir, creio eu, de algumas das seguintes causas, ou sós, ou combinadas:

1) Analogia de nome com um nome pagão; assim na Grecia edificaram-se templos a S. Elias onde os havia a Helios; em Portugal S. Maméde e S. Romão é possivel que tenhão relação com Mahomed e com os Romanos (Romão, Romões).

2) Popularidade de um santo: assim como, por ex. na poesia epica franceza se attribuem a Carlos Magno, como o heroe mais notavel, factos praticados por outros heroes secundarios; assim como em Portugal já ouvi referir a Bocage anedoctas que lhe não pertencem, pelo facto de se contarem d'elle muitas exactas; assim tambem, na Irlanda, por ex., S. Patricio, o legendario introductor do Christianismo nesse paiz, é um foco de innumeras tradições.

3) Analogia com o objecto: ex. «S Crescente te accrescente», «S. Levede te levede», «S. Mansos te amance», «S.

Marcos marcou esta casa», «S. Marcos te amarque», «S. Fructuoso milagroso» (para os fructos).

4) Analogia entre o objecto e alguma lenda attribuida ao santo: assim S. Lourenço livra de incendios porque morreu queimado; S. Pedro livra de cahir o cabello porque era careca.

5) Influencia da rima: assim numa fórmula recitada ao deitar os ovos ás gallinhas invoca-se indistinctamente S. João (e S. Romão), S. Salvador, S. Gonsalo, Santa Rita, conforme nella se pede um *cantão*, um *gallador*, um *gallo*, uma *pita*.

Por isso a maior parte das vezes é difficil, sempre que o nome de um santo se acha relacionado com uma superstição, tirar immediatamente conclucões positivas sobre essa relação.

Isto que digo a respeito de um santo póde dizer-se de um modo geral, com pequena differença, a respeito de outro qualquer nome. No caso que me occupa, perdida a ideia de que um certo animal pequeno roía o dente, e ficando unicamente a ideia de *animal*, podia, por influencia da rima, invocar-se o *moirão* ou o *trigueirão*.

J. Leite de Vasconcellos.

BIBLIOGRAPHIA

Romanceiro, — *choix de vieux chants portugais,* traduits et annotés par le Comté de Puymaigre. — Paris, E. Leroux, éditeur, 1881. Pr. 5 fr.

Ao ter de fallar d'este *Romanceiro* do snr. de Puymaigre, sinto-me possuido de um vivo prazer, não só por esse livro versar sobre um assumpto do dominio dos meus estudos predilectos, mas por se referir a Portugal.

Antes porém de entrar na apreciação d'elle, enumerarei pela ordem chronologica da publicação as differentes collecções portuguezas de romances que conheço, e que foram feitas depois do movimento scientifico que deu ás tradições do povo a devida importancia:

1) *Romanceiro* por J. B. de Almeida Garrett em 3 vol. A historia dos precedentes d'esta collecção conta-no-la o proprio Garrett: «Antes que, excitado pelo que via e lia em Inglaterra e Allemanha, eu começasse a emprehender a rehabilitação do romance nacional, já Grimm, Rodd, Depping, Müller e outros varios tinham publicado importantes trabalhos sobre as tão preciosas quanto mal estimadas collecções castelhanas: já M.me de Stael e Sismondi tinham exaltado sua grande importancia litteraria» (*Romanceiro,* ed. 1851, II, pag. XLIII). Nestes tres vol. algumas composições são verdadeiros poemetos litterarios fundados em romances populares; outras são de pura imaginação como a *Noite de San João,* onde apenas se mencionam as superstições das *alcachofras, orvalhadas* e *fogueiras;* outras são mais ou menos emendadas como o proprio A. confessa: «.... corrigi de novo muitos dos exemplares que já tinha, e completei alguns fragmentos que já desesperára de poder vir nunca a restaurar. E tomando para modelo as estimadas collecções de Elis e do bispo Percy, e a das fronteiras de Scocia por Sir Walter Scott, comecei a dar novo methodo e mais amplos limites á minha compilação que ao principio intitulára *Romanceiro portuguez* — » (*Romanc.,* t. I, ed. Lisboa 1853, pag. XIII). Perdoemos porém a Garrett o erro de não respeitar os monumentos do povo, porque foi elle o revelador da nossa riqueza tradicional neste genero. O *Romanceiro,*

além de ficar em parte improficuo para a sciencia, que só acceita o que é verdadeiro, influiu pessimamente na litteratura erudita, poisque logo um sem numero de metrificadores surgiu, como os sapos depois da chuva, segundo a crença, a quererem imitar, sem criterio, o estylo popular, e a encherem volumes e volumes com monstruosidades artisticas.

2) *Romanceiro geral*, — colligido na tradição por Theophilo Braga (Coimbra 1867). Esta collecção foi feita com certo cuidado, e o proprio collector protesta em nome da probidade de homem e da intuição de artista que todos os romances por elle recolhidos são extremes e genuinos (*Romanc. geral*, pag. VIII). O snr. Braga adoptou esta classificação: I *Romances communs aos povos do Meio Dia da Europa;* II *Romances de supposta origem portugueza*; III *Romances que se encontram nas collecções hesp.;* IV. *Rom. mouriscos e contos de cativos:* V *Lendas piedosas* e VI *Xacaras e coplas de burlas.* Esta classificação é, como nem podia deixar de ser, perfeitamente exterior, provisoria, por que, só depois de uma comparação completa dos romances, e da determinação das origens d'elles, se poderá estabelecer uma classificação definitiva. Assim, sob a rubrica *Romances mouriscos* dà-se o *Romance da Moura encantada* (que, diga-se de passagem, soffreu grandes alterações da parte de E. da Veiga, e até talvez fosse completamente forjado sobre alguns versos de outros romances), quando o facto do encanto e desencanto das Mouras nada tem que ver com os Mouros: ha apenas a analogia dos nomes, analogia que provém do facto historico da dominação arabe na peninsula. A lenda portugueza de *Jesus mendigo*, que o snr. T. Braga no *Romanceiro geral* (pag. 209, not. 43) diz pertencer «propriamente aos povos do Meio Dia da Europa», e que na *Hist. da Poes. pop.* (pag. 128) diz ser «filha da inspiração mystica», ser a materialisação das palavras abstractas do Evangelho, não é mais nem menos, ao que parece, do que uma d'essas vulgares transformações de uma ideia primitiva, porque no *Petit Poucet* do snr. Gaston Paris (Paris 1875, pag. 15-16) lê-se: «.... d'après une tradition allemande (Grimm, D. M. 688) — un charretier mena un jour Notre Seigneur; en récompense, celui-ci lui promit le royaume du ciel, mais le charretier dit qu'il aimait mieux conduire eternellement sa voiture d'orient en occident. — Son vœu fut exaucé: le char est au ciel (é a Ursa-maior), — et l'étoile la plus haute des trois étoiles antérieures, celle qu'on appelle *le cavalier*, dit Grimm, c'est le charretier — ». O lavrador do nosso romance foi para a gloria; mas a gloria é realmente lá no alto, é o ceu da versão allemã.

Em 1869 publicou mais o snr. Theophilo a *Floresta de varios romances* (LIII — 218 pag.) extrahida de diversos auctores.

No mesmo anno publicou tambem os *Cantos pop. do archipelago açoriano* (XVI — 478), valiosa collecção.

3) *Romanceiro do Algarve,*—(Lisboa 1870) por Estacio da Veiga. A respeito da fidelidade que houve na coordenação d'este romanceiro temos as seguintes confissões do collector.

Na introducção ao *Dom Julião,* romance evidentemente muito alterado, lê-se: «consegui varias lições, que, *simultaneamente cotejadas, poderam produzir esta*, que na essencia não differe de nenhuma, e de todas mais ou menas se approxima.» (*Romanc.,* pag. 1). No romance o *Frade* (introd.) escreve o snr. E. da V.: «offereceu-me este romance algumas difficuldades para o poder de algum modo *restaurar,* ou tornar pelo menos comprehensivel». (*Romanc.* pag. 152-155).

Além d'estas confissões avulsas, diz a *Advertencia* ao livro: «Ha feitos dez annos que escrevi este livro;.... e sae sem o minimo retoque, não obstante haver passado o praso de Horacio.... que mui mal aproveitado foi». De facto o snr. Estacio nada tinha que *retocar,* porque a obra não era sua, era do povo, e portanto sagrada, como podia ter aprendido nos livros do sr. Th. Braga anteriores ao seu; o papel do snr. Estacio devia limitar-se ao de simples e fiel collector.

Não aconteceu porém assim. Os romances acham-se todos adulterados,—não precisavamos das declarações do collector para o sabermos, bastava a leitura d'elles. Os romances, além de muitos termos não populares, estão com uma extraordinaria correcção. Nem um verso errado, ou de maravilha se encontrará um! Eu tenho recolhido muitos romances pop., adivinhas, adagios, orações, ensalmos, rimas infantis,—e os versos errados são a cada passo. Onde a correcção é maior é nas cantigas soltas, porque essas, como as cantam todos os dias, todos os dias tambem as facetam á maneira de diamantes,—e andam mais vivas na memoria.

A introd. ao livro pouco adeanta, e no mesmo caso estão as palavras que precedem cada romance.

Nuns casos o snr. Estacio da Veiga emprega palavras populares, *trouvesse* (p. 27), *prantava* (p. 61); noutros substitue-as como no verso—«E já bem que *relinchava*», (p. 64), em vez de—«E já bem que *rinfava*»; mas é que neste caso fica o verso errado, o que ao snr. Estacio parecia mal.

A pag. 609 escreve o snr. E. da V. que «todos os do povo, que no Algarve cantam esta chacara *(A noiva arriana),* dizem *solia* e não *soia*—»; porque é então que nos versos—«Que eu *soia* cavalgar»,—«Que o não veja onde *soia*», se afastou da linguagem do povo?

Os romances populares offerecem-nos a cada passo o castelhano *solia.*

A pag. 7 vem o verso—«*Todas las* sete pensára», devendo em portuguez ser *toda-las,* (como apparece vulgarmente não só nos escriptores mas no povo), fórma em vez de *todal-las* (que tambem apparece escripta), porque houve assimilação do *s* de *todas* ao *l* do ar-

tigo *las*; do mesmo modo em «*Mas lo trédor*» deve ser *mâ-lo*, como se ouve ao povo.

O *Romanceiro do Algarve* serve apenas de indicação para um futuro investigador fazer uma collecção séria e exacta.

4) *Romances populares e rimas infantis portuguezas* (in *Zeitschrift f. rom. Ph.* de Gröber, vol. III pag. 61-72 e 193-199), — por F. Adolpho Coelho, collecção que, á parte alguns erros typographicos em que o A. não teve culpa, foi feita com o esmero proprio do distincto glottologo que o snr. Coelho é. Comprehende XII romances, na maxima parte variantes dos recolhidos por Th. Braga.

5) *Romanceiro do archipelago da Madeira*, — colligido e publicado por Alvaro Rodrigues de Azevedo. — Funchal, Typ. da *Voz do Povo*, 1880, XXIV-514 pag.

As tradições populares portuguezas não se acham apenas no continente, mas tambem no Brazil e nas nossas possessões insulares e ultramarinas, para onde os descobridores, conquistadores, povoadores, emigrados, etc. as levaram. — Das tradições portuguezas do Brazil acham-se varios especimens em *O Selvagem* por Couto de Magalhães, *Parnaso Portuguez Moderno* por Theophilo Braga, *Os Dialectos romanicos ou neolatinos na Asia, Africa e America* por F. Adolpho Coelho, *Revista Brazileira*, *Almanach de Lembranças*, etc; das tradições de Cabo-Verde acham-se algumas adivinhas populares no citado opusculo de Ad. Coelho, e diversas superstições no *Alm. de Lembr.*; dos Açores escreveu Th. Braga um ligeiro artigo no jornal a *Harpa*, e fez uma grande collecção de *Cantos populares*, como fica dito; da Madeira publicou Alvaro Rodrigues de Azevedo em 1880 um *Romanceiro*, de que vou dizer duas palavras.

Este *Romanceiro* compõe-se de duas partes, além de errata e indice: — prologo e poesias populares. No prologo mencionam-se os nomes dos informadores do collector, expõe-se a importancia do estudo das tradições populares, e dá-se conta do methodo seguido na coordenação do livro. Diz o snr. Azevedo a respeito da maior ou menor fidelidade com que se houve nella: «Nem tão ampla liberdade que descambe para arbitrio, nem tanta submissão que se acatem como inviolaveis as manifestas aberrações da memoria, da ignorancia analphabeta e da inconsciencia boçal com que os menestreis populares não poucas vezes adulteram os romances que repetem» (pag. XIII); e mais adeante: «... não hesitámos em expungir do texto a deturpação positiva ou negativa manifestada por flagrante absurdo não conforme ás ideias do tempo; por oblitteração ou contorsão, addição ou substituição de termos; por violação revoltante da grammatica natural, da medida cadencial ou do consoante obrigado do verso; ou, finalmente, por inusitado barbarismo de provincia: — que tudo isso é frequente, nem podia deixar de ser, na lição oral do baixo-povo» (pag. XV). O que ao snr. Azevedo se afigurou como uma necessidade,

afigura-se-me a mim como um não pequeno defeito. O estudo das tradições populares não mira unicamente a reconstruir ou aclarar as civilisações antigas que ellas em grande parte representam, mas tambem a mostrar qual é a feição mythica, artistica, scientifica, etc. do povo que actualmente as conserva; pelo que se torna evidente que as menores modificações populares na metrica, no estylo, na linguagem, são outros tantos documentos que importa archivar. Além d'isso, no povo não se dá uma violação tão *revoltante da grammatica*, e da *medida cadencial do verso*, nem um tão *inusitado barbarismo de pronuncia*, como o snr. A. R. de Azevedo assevera: a linguagem popular obedece a certas leis, phonetica, morphologica e syntaxicamente fallando, e como de outro modo devia ella ser concebida, se o que chamamos linguagem da gente culta, linguagem apurada, é, no seu complexo, uma linguagem formada pelo povo? Concedendo ainda que se façam algumas correcções nas poesias populares, devem ellas ser feitas segundo estes dois criterios, que são seguidos pela philologia na restituição dos textos antigos, deturpados pelos copistas: ter presentes, sendo possivel, umas poucas de versões da mesma composição, ou de composições analogas, para, depois de ás comparar, escolher a fórma mais proxima da primitiva; e pôr entre colchetes as emendas, ou em notas a lição popular [1].

Apesar dos defeitos apontados, o *Romanceiro da Madeira* é de um grande valor, quer pelo lado folklorico, quer ainda pelo philologico. Compõe-se de muitos romances sagrados e profanos (sendo alguns, o que é mais importante, historicos), contos, jogos, parlengas, etc. D'este romanceiro resulta um facto extremamente curioso, que é correrem em verso na Madeira varias composições que no continente correm em prosa, como *Las tres cidras do amor*, *Gata borralheira*, etc. Como se explica isto? As madeirenses são mais antigas, e as continentaes perderam a fórma metrica? Eis outro facto que eu tenho observado muitas vezes e que ajudará a elucidar a questão: o povo, quando narra o romance em verso, di-lo sempre primeiro, á maneira de commentario, em fórma de prosa; ouvi mesmo já unicamente a prosa, esquecido o verso, a algumas pessoas. *A hist. da carochinha*, n.º 1 dos Contos de Ad. Coelho, parte em prosa, parte em verso, vem no *Romanceiro* (p. 457 ss) em verso.

Pelo que respeita á linguagem, o illustre collector não foi, felizmente, fiel ao seu principio, porque, despresando *apinhular* (apunhalar), *Ruicido* (Ruy Cid), etc. não despresou *trouce* (trouxe), *giolho* (joelho), etc., etc.

---

[1] Num substancial artigo do snr. C. Nigra, *La poesia popolare italiana*, publicado na *Romania*, 5.º anno. pag. 417 e se., vem, por ex., algumas correcções á collecção de Blessig, feitas neste sentido.

A falta de espaço obriga-me a cortar a noticia um pouco mais extensa que eu tinha feito d'este *Romanceiro*.

6) *Romances populares portuguezes*, — colligidos da tradição oral por J. Leite de Vasconcellos (Barcellos 1881). Estão ainda em publicação, e apenas uns XXIII viram por ora a luz. A maior parte d'estes romances são tambem variantes d'outros já impressos, mas representam fielmente a tradição.

7) *Contribuições para um romanceiro e cancioneiro popular portuguez* (in *Romania*, vol. X, pag. 100-116), — por Z. Consiglieri Pedroso.

O cap. I é um romance importante principalmente por ser historico. Do cap. II, *O Natal*, ha outras variantes: publiquei uma em 10 Dez. de 1880 no *Penafidelense* e tenho ainda ineditas duas (uma em hispanhol que ouvi a um gallego, e outra em port.); na *Romania*, t. VI, o snr. F. A. Coelho publicou uma gallega. O cap. III compõe-se de versos que se cantam pelos Reis; além d'estes tambem se cantam muitas cantigas soltas, tradicionaes, com allusões aos donos das casas a cujas portas os rapazes pedem. O cap. IV contém orações; o final da oração *a Santa Barbara* (tres ultimos versos) pertence evidentemente ao *Padre-nosso-pequenino*. Em nota a esta oração transcreve o snr. C. Pedroso um esconjuro [1], que é, no todo ou em parte, a traducção de um exorcismo; a aproximação que elle faz, tinha-a eu tambem feito a pag. 117, not. 2, do *Pantheon*, por occasião de publicar uma versão d'essa oração. Da oração II (á Lua-nova) ha muitas versões, algumas já por mim publicadas nas *Trad. pop. de Port.* O cap. V contém curiosas cantigas ao S. João. Realmente no nosso povo, como escreve o snr. Pedroso, ha muitas d'estas cantigas: no meu escrito *Presbyterio de Villa-Cova* publiquei nove; nos *Fragm. de Mytholog. Pop. Port.* publiquei doze, e, incluindo as variantes, conservo ainda umas poucas de dezenas d'ellas.

A quadra n.º 55

> Dá pequena pancada,
> Rei mouro!
> Não quebres a espada,
> Que é d'ouro,

que o snr. Pedroso confessa não poder explicar, parece um fragmento de canções que por ventura se cantassem nos jogos e cavalhadas que, por ex., em Braga, se faziam no S. João. O cap. VI traz *parlengas* e *jogos* infantis: do n.º 4 (Tangro-Mangro) não encontrou o snr. Pedroso

---

[1] Tambem ha tempos me deram um esconjuro semelhante que era dito por um padre contra a erysipela (Rosa).

o final; uma versão que ha pouco tempo recolhi de Elvas acaba assim:

D'esse um que me ficou
Tratei de o metter no seio:
Deu-le o Tango-Marigotango,
Não me ficou senão meio.

Esse meio que me ficou
Mandeio-o vender á praça:
Deu-le o Tango-Marigotango,
Aqui acabou-lhe co'a raça.

Ao lado da fórma pop. *perúm* que o snr. Pedroso dá, ha outra *pirúm* (Beira-Alta). O n.º 5-*b* não é propriamente nem uma parlenga nem um jogo: os quatro primeiros versos cantam-se na Beira-Alta e no Minho nas *Janeiras* (1.º de Janeiro) e os quatro ultimos ouvi-os tambem cantar em Guimarães ás portas das casas onde os rapazes não recebem nada. O cap. VII e ultimo chama-se *Enigmas populares*. A maior parte das adivinhas (o que não se dá nestas do snr. C. Pedroso) tem uma formula inicial (e ás vezes final) que varia com as terras (*Qual é coisa, qual é ella?* — *Adivinhas uma adivinha?* — *Adivinha, tolo,* etc.) — Todas estas *Contribuições* foram colligidas com attenção, e por isso são outros tantos factos valiosos para o estudo do *Folk-Lore portuguez*.

8) *Tradições populares do Algarve* (Romances), — collecção de Reis Damaso in *Encyclopedia republicana* de Lisboa (em publicação). Até á hora em que escrevo, estão publicados onze romances. São no todo, ou na maior parte, variantes de outros já conhecidos, mas representam fielmente a tradição popular, quer pelo que respeita á fórma, quer, quasi sempre, pelo que respeita á linguagem. O n.º 4, *D. Alberto,* é apenas o fragmento do *Gerinaldo*.

Fallarei agora do livro do snr. conde de Puymaigre. O A. abre com uma larga introducção (54 pag.), que versa sobre a geographia, lingua, historia politica, historia litteraria e poesia popular de Portugal. Para estes dois ultimos assumptos as fontes foram principalmente as obras do snr. dr. Theophilo Braga. Não obstante, o A. mostra-se muito ao facto das nossas cousas. A respeito d'esta introducção, permitta-me o snr. de Puymaigre algumas observações, que não tem por modo algum em vista molestá-lo, mas que são unicamente necessarias no papel de critico que me impuz.

A pag. V affirma o A. que os povos celticos foram «les premiers habitants de cette contrée—» (a Lusitania). Antes dos Celtas havia, segundo os auctores antigos, habitantes na Lusitania (cf. *Os Lusitanos* por F. M. Sarmento, Porto 1880), mas além d'isto podia o snr. de Puymaigre estar ao correr dos estudos prehistoricos em Portugal, quando de mais a mais ha pouco (1880) se reuniu em Lisboa um grande congresso de sabios nacionaes e estrangeiros sobre esse assumpto. Com effeito, as descobertas prehistoricas no nosso paiz são

muitas, e os factos fornecidos por ellas não pertencem, conforme as ultimas demonstrações da sciencia, á civilisação celtica, mas a uma data muito anterior.

A influencia franceza (Introd. p. VII) sobre a lingua portugueza é, apesar do que diz F. Diez *(Gram.*, I, 90), e do que se repete vulgarmente, um pouco contestavel.

A pag. 9 lê-se: «Dans les anciens *Foros* on voit ce latin corrompu se transformer peu à peu en une langue nouvelle» (cita *Portugal. monum. hist.*, t. I). Ha aqui duas inexactidões: a primeira é a ideia de que o latim que se transformou nas linguas romanicas era um *latim corrompu*, quando as linguas romanicas não são senão phases do latim popular, que appareceram segundo certas leis; a segunda é que o latim, latim barbaro, dos *Portug. mon.* fosse a origem do portuguez. Em verdade esse latim dos documentos deixa entrever muitas fórmas portuguezas, mas d'ahi a considerá-lo como a origem da nossa lingua, vae uma distancia enorme, porque o *latim barbaro* não é a mesma coisa que o *latim popular*: aquelle é um latim mais ou menos artificial; este é um latim, deixem-me assim dizer, organico, vivo [1].

A pag. XLI diz-se: «Em 1617 (aliás 1640), le duc de Bragance, qui descendait de Joan Ier, délivra sa patrie du joug étranger, et, sous le nom de Joan IV, monta sur un trône qu'il avait relevé...» Aqui, apesar das trombetas declamatorias *(Lusitania restaurada* c. I, est. 1: *Phenix da Lusitania*, c. I, est. 4, etc.) ha uma inexactidão historica: quem restaurou Portngal foi João Pinto Ribeiro á frente de outros zelosos patriotas: D. João IV não fez mais do que sentar-se num throno que lhe deram, e na subida do qual até a principio se mostrou dubio.

A pag. XLVII escreve o snr. conde de Puymaigre que «—Un élément fort intéressant qui a été très fécond en Espagne, l'élément historique, manque à la poésie populaire portugaise—»; é verdade que esse elemento não abunda, mas apparece aqui e além, não *falta* sempre. Th. B. e outros, nas suas collecções, trazem alguns romances historicos; temos os cantos em honra do Condestavel, umas satyras á guerra peninsular e a D. Miguel, uma especie de adagios ao marquez de Pombal, e além d'isso varias estrophes conservadas de tempos antigos [2], uma das quaes até

---

[1] Esta mesma differença se encontra na *Grammaire historique* do snr. A. Brachet, que o snr. de Puymaigre cita a pag. XXVI. A *Grammatica das ling. roman.* de Diez (Introd.), que o A. tambem cita (pag. VIII), falla egualmente do latim popular.

[2] Sobre estas e outras estrophes populares historicas vid. um curioso, apesar de incompleto, art. do snr. Th. Braga, na revista lisbonense *Era Nova*, intitulado *A Historia de Portugal na voz do Povo* (pg. 148-160).

Viva el-rei D. Henrique
No Inferno muitos annos,
Pois deixou em testamento
Portugal aos castelhanos,

o A. traduz com muita perfeição assim: «Vive le roi dom Henrique, —En enfer bien des années, —Puisqu'il a laissé par testament —Le Portugal aux Castillans» (XLI).

A affirmação, pag. XLIX, de que a rima toante ou assoante em Portugal «—appartient seulement à la poésie populaire—» em quanto que «—en Espagne, elle a passé souvent de celle-ci à la poèsie lettrée—» é egualmente inexacta. Em Portugal ha muitas e muitas poesias com rima toante. Francisco Rodrigues Lobo emprega essa rima frequentemente; numa collecção de poesias eruditas intitulada *Guimaraens agradecido* vem uma grande porção de composições na mesma rima; num pequeno folheto, de Antonio de Villaboas e Sampaio (*Auto da lavradora de Ayró*, Coimbra, 1841), entra ainda a rima toante, e podiam-se citar ainda numerosos exemplos.

Enumerando, pag. L, as fórmas da nossa poetica popular, diz o snr. de Puymaigre: «On y connaît sous le nom d'*endeixas* des chants funèbres...» Em tempo houve os já citados cantos do povo na sepultura de D. Nuno; hoje porém não ha nada d'isso, ha apenas ainda choradeiras, ou cousa semelhante, em algumas aldeias remotas, e diversas allusões a ellas nas obras populares portuguezas (Vid. as minhas *Trad. pop. de Port.*, § 342-y).

O nome *Maggi*, a que o A. se refere, é uma designação italiana; em Portugal diz-se apenas *Cantigas das Maias, Cantigas do Maio-moço*, denominações que pouco tem de proprias; mas o costume de cantar as *Maias* no 1.º de Maio dura ainda, como o A. parece desconhecer, e eis até o principio de um canto (versão da Beira-Alta):

O meu *Maio-moço*
Elle além vem,
Vestido de branco
Que parece bem.

Elle além vem
Pelas hortas a cima,
Elle além vem
Pelas hortas a baixo.
Viva, viva o Maio!

Estas palavras, (mesma pg. L) «La *Celeuma* est une chanson qui scande... les coups de marteau du forgeron retombant en cadence sur le fer» são uma interpretação má d'estas do snr. Th. Braga (*Hist. da poes. pop.*, pag, 70): «—A *Celeuma* é a cantiga de *levantar ferro*—». Diz-se que os navios *levantam ferro* quando partem.

A pag. LIII, refere-se o A. á origem estrangeira, principalmente hispanhola, dos nossos romances populares; convem observar a tal respeito que esses romances se acham inundados de palavras e phra-

ses castelhanas, como: *mi padre, mi madre,* [1] *Castilla,* «Oh *las* penas do inferno» etc. [2] *Conde Niño* (nome de romance), *solia, blanca, hombre, chiquito* (no sentido de *moço,* deminutivo de *chico*), *mañanita,* etc. etc.

Em seguida á introducção insere o A. uma lista das principaes obras citadas, lista que é uma importante indicação bibliographica sobre o *Folk-lore.*

Depois segue-se o *Romanceiro Portuguez,* traducção de composições colleccionadas nas obras de Garrett, Th. Braga e Estacio da Veiga. A 1.ª composição traduzida é a *Canção do figueiral* cujos versos iniciaes — «No figueiral, figueiredo, — A no figueiral entrei» me não parecem bem interpretados assim: «Dans les bois des figuiers j'entrai, *moi Figueiredo,* dans le bois des figuiers j'entrai — » (pag. 3). Plausivelmente, *figueiredo* não é o nome do heroe da façanha: *figueiral* e *figueiredo* são dois vocabulos em que os suffixos *al* e *edo* téem a mesma significação, como em *olival* e *olivedo.* Demais, repetições assim são vulgares, ex.:

1.º A' caça ia D. Pedro,
A' caça de anno e dia, etc.

2.º A caçar vae cavalleiro,
A caçar, como solia, etc.

3.º Que quer Vossa Majestade,
Que quer Vossa Senhoria? etc.

4.º Na ribeirinha, ribeira,

(Vid. *Annuario,* p. 22).

O restante das composições está geralmente muito bem traduzido. Vou até transcrever este trecho que patenteará o bom conhecimento que o A. tem da nossa lingua.

Seja, por exemplo, do *Romance de Dona Maria,* n.º 43 dos *Cantos populares do archipelago açoriano* de Theophilo Braga (Porto 1869, pag. 302):

Eu era a filha de um rei,
Chamada Dona Maria;
Amava um capitão
Pelo bem que me elle queria;
Meu pae, tanto que o soube,
Dava-me muito má vida,
Dava-me o pão por onça,
E a agua por medida;
Mandou botar um pregão
Por toda a cidade a cima,
Calafates, carpinteiros,
Se ajuntassem nesse dia,
Para fazer uma nau
Para ir Dona Maria.
Calafates eram muitos,
Deram-na feita num dia,
Deitaram-na nesses mares
Sem velas, nem remarias;
Dona Maria foi nella,
Só sem a mais companhia.

[1] No portug. archaico tambem ha as palavras *madre* e *padre,* ainda conservadas em *santa madre Egreja, madre abbadessa, Padre nosso,* etc.; mas aqui é evidente o castelhano, como se prova com o pronome.

[2] A mesma observação que na not. 1.

O snr. de Puymaigre dá-nos esta versão: «J'étais la fille d'un roi et m'appelais dona Maria; l'aimais un capitaine, à cause du bien qu'il me voulait. Mon père, quand il le sut, rendit ma vie très dure; il me donnait le pain par once et mesurait l'eau. Le roi fit publier par toute la ville que calfats et charpentiers eussent à se réunir le jour même, afin de construire un vaisseau pour emmener dona Maria. Les calfats étaient nombreux, ils eurent fini le jour même; on mit dans le vaisseau des vivres pour sept ans et un jour, on mit la nef en mer sans voiles et sans rames. Dona Maria était dedans sans nulle compagnie — » (pag. 41).

Aos romances seguem-se copiosas notas onde o snr. de Puymaigre, a respeito dos romances traduzidos, cita muitos outros hispanhoes, italianos, francezes etc. E' uma contribuição valiosa para o estudo da litteratura popular comparada. A pag. 169 d'estas notas escreve o A. que *Desposado* est le sacrement, par opposition à *casamiento* (i. é, *casamento*)...»; mas *desposado* designa simplesmente o noivo. — A pag. 241, fallando do romance *Alferes matador*. diz: «Ce roman à été recueilli par Braga à Covilha (i. é, Covilhã. na Beira-Baixa), *la mine la plus riche des trésors de ce genre,* dit-il». — Temos aqui a opinião do meu amigo o snr. Theophilo Braga a respeito dos *centros ethnologicos dos cantos tradicionaes;* seja-me permittido um parenthesis para a combater. — Na *Historia da poesia pop. portug.* (Porto, 1867) encontram-se estas palavras do snr. Th. Braga: «No Algarve as encantadas e os contos mouriscos inspiram-se de um certo maravilhoso, que no Minho vae colorir principalmente os cantos religiosos de hospitalidade, os milagres e as lendas dos santos» (pag. 90-91). O que porém é certo é que as encantadas e os contos mouriscos encontram-se em todas as terras de Portugal; pelo menos, ainda não interroguei ninguem que me não fallasse em Mouros e Mouras encantadas. Os cantos religiosos de hospitalidade, os milagres e as lendas religiosas tambem não são caracteristico do Minho. Contos em que Christo é acolhido por pobres, orações, etc., tenho-os eu recolhido por ex., na Beira-Alta, onde até na Quaresma se nota uma pronunciada devoção, revelada não só nas *Vias-sacras* do Domingo, mas nos cantos dos martyrios de Christo, á noute, em côro, nos largos das ruas; além d'isso ha muitas ladainhas, romarias e festas. — A pag. 51 da *Theoria da Hist. da Litterat.* (3.ª ed.) diz o snr. Th. B., fallando do *centro ethnologico* da Beira: «A Beira, essencialmente persistente nos seus costumes: a industria que a caracterisa (pannos da Covilhã) é ainda a mesma do tempo de Gil Vicente *(Obras,* II, 442).» Tão persistente é a Beira como qualquer outra provincia. No sec. XVII [1] já era celebrada a louça de Extremoz, como hoje. No

[1] *Auto da lavradora d'Airó,* — por A. de Villas-Boas.

reinado de D. Diniz já Guimarães era, como hoje, um *manancial de artifices celebres* [1]. Remontando mais longe ainda, conta-nos o historiador Justino (lib. LXIV, 3) que as mulheres lusitanas cultivavam os campos, como hoje fazem no Minho, [2] etc. — Ao referir-se na mesma obra ás tradições poeticas da Beira, cita o snr. Braga, ao que parece como caracteristicos d'essas tradições, os seguintes romances populares: *D. Garfos*, *A Donzella que vae á Guerra* ou *D. Martinho*, *Bernal francez*, *Conde Niño* e *Rainha e Cativa*; mas o romance *D. Garfos*, recolhi-o tambem em Tras-os-Montes, e o proprio snr. Th. B. dá no *Romanceiro geral* (p. 60) uma versão da dita provincia; o rom. da *Donzella que vae á guerra* ouvi-o no Porto a uma mulher da Regoa, o snr. F. A. Coelho dá d'elle uma versão minhota no *Rom. pop. e rimas infantis*, n.º 1 (in *Zeitsch. f. rom. Ph.*), e o proprio snr. Braga dá duas versões nos *Cant. pop. do archipelago* e uma no *Rom. geral*; o *Bernal francez* colhi-o no Porto e em Tras-os-Montes, vem no *Rom. geral* como da Foz, e nos *Cant. do archipel.* (duas versões); o *Conde Niño* corre em Tras-os-Montes (vid. o *Rom. geral*, p. 37, e os meus *Romances. pop. port.* n.º 13). A respeito de *Flôr e Branca-flór (Rainha e Cativa)* diz o mesmo snr. Th. B. que corre no Minho, Tras-os-Montes, Ribatejo, etc. (*Rom. geral*, p. 201, not. 37). Por isso, não sei o que tem esses romances com o *centro* da Beira. — Continúa o snr. B.: «O que verdadeiramente assombra é o estado da integridade d'estas versões (da Beira), a metrificação, a parte descriptiva quasi nulla, a fórma narrativa e dramatica como parte essencial, e a acção realisada pela força em vez do maravilhoso» (ob. cit. p. 52). A metrificação beirã não differe da das mais provincias; a fórma dramatica encontra se com muita frequencia noutras partes, p. ex. no Minho; do maravilhoso fallarei d'aqui a pouco. — Esta ideia a proposito da Beira acha-se tambem noutra obra do snr. Th. Braga (*Manual da Hist. da Litt. port.*, Porto, — 1875, p. 338): «...Beira, o *centro das tradições populares*». Aqui a affirmação é mais geral; mas, pela colheita que tenho feito de centenares de tradições populares em todo o paiz, julgo-me auctorisado a negar essa affirmação; acham-se no Algarve superstições da Beira, e na Extremadura superstições do Minho. O snr. Th. B. funda-se ainda assim numas palavras de Garrett, egualmente erroneas: «A Beira, como prova Herculano, é o centro das povoações mosarabes, e *Garrett reconheceu sempre mais pura e completa* a tradição oral alli»

[1] Cf. um documento transcripto pelo snr. C. Castello Branco no jornal *O Dez de Março* (n.º 212, de 19 de Junho 1880).

[2] «—Os montanhezes do Gerez são agigantados e fortes; as mulheres robustas e trabalhadoras, *dadas a trabalhar as suas fazendas*» (*Notic. topog. e phys, do Gerez*,—pelo dr. Rebello de Carvalho.—Porto 1848, p. 16). Cf. o meu *Estudo Ethnographico*, p. 13.

(*Manual*, p. 132). — Da Extremadura diz: «A Extremadura... distingue-se já pela intervenção do maravilhoso na acção do romance». Salvo o devido respeito ao meu illustre amigo o snr. Th. B. tambem não vejo que haja verdade nestas linhas. Os romances *Lavrador da Arada* (Beira, Douro, etc.), *Conde Niño* (Tras-os-Montes), *D. Helena* (Beira-Alta), *A Filha do rei de França* (Porto), *D. Sylvana* (Açores) estão cheios de maravilhoso. — Não quiz referir-me senão aos *centros ethnologicos* do continente. Como vimos, estes centros, caracterisados pelas poesias tradicionaes, não existem. E' possivel que um dia a anthropologia descubra nas nossas populações caracteres differenciaes importantes, mas os estudos anthropologicos estão ainda muito atrasados entre nós. Com relação á linguistica, comquanto haja certas differenças notaveis, essas não são tão profundas como noutros paizes (a França e a Hispanha, por ex.). A lingua portugueza, de terra para terra, apresenta certas variações, mas as duas principaes, a que podemos chamar dialectos, são no Minho (com uma parte do Douro e da Beira-Alta) e no Sul (saloios, alemtejanos e algarvios). O dialecto do Norte apresenta um caracter bastante archaico, como a terminação *om* por *ão*; o do Sul apresenta uma tal ou qual evolução (como condensação dos diphthargos *ei-eu* e *ou* em *ê* e *ô*). O primeiro usa fórmas desnasalisadas como *fôro* por *fôrão*; o segundo usa na 1.ª conj. o preterito em *i* em vez de em *ei*, como *andi*=*andei* (por analogia com a 2.ª e 3.ª conjug.). Em Miranda falla-se o dialecto *mirandez*, que, apesar de muito influenciado pelo portuguez, parece, em virtude de certos factos por mim primeiro recolhidos, pertencer ao dominio hispanhol, como visinho do leonez. No Suajo não ha dialecto nenhum, como muito tempo se imaginou e cuja lenda desfiz este anno. — Os unicos *centros* fundados na geographia, que, no estado actual da sciencia, podemos estabelecer, são tres, que o povo denomina assim: *serra, ribeira* e *borda d'agua* (beira-mar). A solidão, o clima e as producções das montanhas imprimem ás populações uma physionomia e um caracter muito diverso do que o oceano imprime aos maritimos; os serranos, pelo menos na Beira Alta, vestem um trajo desusado na ribeira, tem tradições mais ou menos proprias, como a respeito de lobos, e dedicam-se principalmente a vida pastoral, postoque cultivem tambem certas terras; nos povos da beira-mar acham-se superstições, como por ex. do *Santelmo* ou *Corpo-santo*, que se não pódem ir procurar na serra; o mesmo se dá com os lavradores ou habitantes das ribeiras. Mas a maxima parte das tradições populares está profusamente, sem distincção, espalhada por estes tres *centros geographicos*, para o que concorrem diversas causas que eu enumerei na introducção das *Trad. pop. de Port.*, p. xiv-xv.

O snr. conde de Puymaigre termina o seu interessante livro,

traduzindo e annotando alguns romances castelhanos sobre assumptos portuguezes.

Não posso levar mais longe esta singela noticia critica, e por tanto concluo felicitando o snr. de Puymaigre pelos seus trabalhos no *Folk-lore*, em geral, e agradecendo-lhe especialmente o ter, por um modo tão brilhante, tornado conhecidos no extrangeiro esses fragmentos poeticos da alma do povo do meu paiz.

J. L. DE V.

Ethnographia Portugueza: costumes e crenças populares, — por F. Adolpho Coelho (extracto do *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa)* — dois fasciculos.

Como as superstições, os usos, etc., não são productos da civilisação moderna, mas de civilisações anteriores, é evidente que se torna necessario explorar todos os materiaes que o passado nos possa ministrar. O collaborador d'este *Annuario*, o snr. Ad. Coelho, tentou essa exploração no trabalho cujo titulo me serve de epigraphe, com relação ás tradições portuguezas, começando pela Hispanha-christã e deixando para outro trabalho a Hispanha ante-christã. Nos dois fasciculos que tenho presentes, o snr. Coelho occupa-se dos concilios, da legislação, da litteratura, das constituições de bispados, e dos processos inquisitoriaes, empregando aquelle methodo severo que nós todos reconhecemos nelle. A exploração da litteratura não foi levada muito longe; mas o snr. Coelho confessa que não quiz dar senão specimens. Pelo que respeita ás *Constituições*, a mais antiga a que o snr. Ad. Coelho se refere é a de 1521, de Coimbra; na bibliotheca do Porto ha uma *Constituição* de Braga, que, comquanto não tenha data, parece ser mais antiga do que aquella: na mesma bibliotheca existem outras de que o snr. Coelho se não serviu, como a de Lamego de 1563. Os processos inquisitoriaes, que o snr. Coelho cita, teem muita importancia, e principalmente pelas fórmulas e ceremonias de curar, que são iguaes ás de hoje, e que por tanto, com os dados colhidos das fontes indicadas, estabelecem continuidade da tradição portugueza dos seculos XII ou XIII até ao presente. Os livros de *Exorcismos*, a que o snr. Coelho não allude, constituem outra mina valiosissima para o estudo das crenças dos nossos antepassados. — E' de esperar que o illustre professor de Glottologia não deixe interrompido o seu trabalho; no emtanto os folkloristas muito teem já que lhe agradecer.

J. L. DE V.

Tradições populares portuguezas (XI, *O Diabo*) — por Z. Consiglieri Pedroso (extracto do *Positivismo*).

No n.º 2 do *Positivismo*, ha pouco publicado, continúa o snr. C. Pedroso os seus estudos sobre as nossas trad. pop. (de que se faz tiragem à parte), d'esta vez sobre o *Diabo*. Esta contribuição folklorica, interessante como tudo o que neste campo é recolhido com fidelidade e criterio, apresenta porém muito pouco de novo, além do que já estava publicado pelo snr. Ad. Coelho (in *Rev. de Ethn.*, etc.), por mim (in *Trad. pop. de Port.*, etc.) e pelo proprio snr. Pedroso noutros numeros da sua collecção: e grande parte d'ella é extrahida de processos inquisitoriaes, por conseguinte pertencente a uma epocha anterior á actual. Ainda assim não fica completa a exploração folklorica do *Diabo*.

J. L. DE V.

Cantos populares do Alemtejo: recolhidos da tradição oral por Antonio T. Pires (in *Sentinella da Fronteira*).

Ao numero relativamente grande de folkloristas portuguezes junctou-se ha pouco mais um, que, pelo enthusiasmo de que vem possuido, e pela localidade em que se acha, está destinado a ser dos que com mais materiaes ha-de contribuir para o progresso da nossa sciencia: é um dos collaboradores do *Annuario*, o snr. A. Thomaz Pires, collector dos *Cant. pop. do Alemtejo*, trabalho de que vou dizer duas palavras, a fim de ficar representado nesta revista todo o movimento folklorico em Portugal este anno até á data em que escrevo. A ordem que o snr. Pires seguiu na disposição das cantigas é inteiramente arbitraria, mas justificavel, por isso que ellas vão sendo publicadas á proporção da colheita. Estas cantigas são numa grande parte eguaes ás de outras provincias portuguezas, facto nada extranho, antes muito natural: no emtanto algumas apresentam uma côr local, como as que se referem á guarnição militar de Elvas, etc. A cantiga n.º 61, com a invocação da *Senhora da Conceição*, canta-se noutras terras com a invocação da *Senhora da Lapa*, etc. A cantiga n.º 219,

Pela rua da Amargura
Caminha a Virgem, chorando,
Pelo seu bemdito filho
Que o stão crucificando,

será o fragmento de uma composição mais extensa?

*

Egualmente o será a do n.º 241?:

Casadinhos de tres dias,
Que fizeste ao teu marido,
Que tem vindo a minha casa
E chora como um perdido?

As cantigas n.os 99, 100, 102 e 114, em que figura S. Pedro, podião ficar juntas. A do n.º 110, que começa

Para que quero eu olhos,
Senhora Santa Luzia,

refere-se á crença de que essa santa é advogada da vista (cf. *Luzia* e *luz);* nas dos n.os 201 e 493,

Sou parente d'uma *Bruxa*,
Visinho d'uma parteira;
Arranjar mais amores
Entendo que é asneira.

Pelo canto da *Sereia*
Se perdem os navegantes;
Choram os paes pelas filhas,
As sécias pelos amantes.

vêem-se em acção duas curiosas entidades do nosso maravilhoso popular. A canção n.º 101 é historica, e por isso tanto mais importante; entra nella o general francez (da guerra peninsular) cujo nome, transformado em *Jinó*, ficou na Beira Alta como um symbolo de irrisão:

O Junot foi ao inferno
Buscar duas testemunhas:
Achou as portas fechadas,
Poz-se a esgravatar co'as unhas.

O snr. A. Thomaz Pires não alterou nada do que colligiu, pelo que o seu trabalho merece fé; alterou apenas a linguagem, isto é, traduziu ás vezes a linguagem popular em litteraria; sei porém que noutras collecções d'elle o dialecto popular alentejano vae ser fielmente representado. Dá-se com o nosso paiz o que se não dá com todos, e isto mesmo sirva de explicação ás minhas collecções: o povo falla frequentemente a linguagem dos livros, em virtude do que o collector, para ser coherente com a realidade, necessita de empregar ora uma, ora outra linguagem, já em composições diversas, já na mesma composição; por isso, do facto dos *Cant. pop. do Alemtejo* conterem a perfeita linguagem litteraria, não se deve concluir que o snr. A. Thomaz Pires se affastou sempre da popular. Terminando esta curta noticia, permitta-me o snr. Pires que o felicite, e que lhe manifeste o meu ardente desejo de o ver continuar a prestar ao folklore portuguez a

mesma intelligente actividade que lhe tem prestado, dando-nos agora os romances, os ensalmos, as adivinhas, os contos, as superstições, etc., da vasta provincia do Alemtejo.

J. L. DE V.

Materiaes para o folklore portuguez: (recolhidos da tradição oral) por A. de Sequeira-Ferraz. —Barcellos, typ. do *Tirocinio*, 1882.

Seria conveniente que em todas as provincias de Portugal houvesse collectores das respectivas tradições; o collaborador d'esta revista, Sequeira Ferraz, comquanto não deixe de aproveitar as tradições de todo o paiz, collige principalmente as de Traz-os-Montes, sua terra natal, pelo menos assim o tem feito nos folhetins que tem publicado sobre o folklore na *Folha Nova* e na *Actualidade*. No trabalho cujo titulo me serve de epigraphe, ainda que os materiaes juntos não tragam indicação, creio que forão recolhidos na mesma provincia. Este trabalho está em via de publicação, e apenas sahiram 4 paginas, onde vem *rimas infantis e populares*; seria preferivel a este titulo, que faz suppor que as rimas infantis não são populares, o de *rimas de creanças e de adultos*, ou apenas *rimas populares infantis*. Cada estrophe devia vir acompanhada de uma explicação do costume ou superstição com que ella se liga, porque, assim, sem indicação nenhuma, quem as quizer depois estudar comparativamente, e que as não conheça, não póde. O A. póde supprir em notas finaes este defeito. A 2.ª estrophe

Arre, cavallinho,
P'ra cas do Gonsalinho

apresenta-nos um exemplo do phenomeno phonetico *cas* por *casa*, exemplo que o snr. J. Cornu póde juntar aos que reuniu in *Romania*, XI, 83-84, sobre o port. e hisp. arch. Cf. mais o verso popular (*Cant. pop. españoles* de F. R. Marin, 1882, p. 82)

En cá e la querida,

ao qual o collector faz esta nota: «*en ca*, por *en cas*, expresion arcáica: *en casa*» (p. 145). A linguagem popular apresenta muitos archaismos; a principal vantagem, pelo que respeita a Portugal, de indicar as terras onde as tradições são colhidas, é por causa da linguagem. Da 4.ª estrophe

Livro meu muito amado,
Thesoiro do meu saber, etc.

dei uma versão maior nas minhas *Trad. pop. de Port.*, not. 128 e tenho outra inedita ainda mais completa. — Cf. os citados *Cant. pop. esp.* de Marin, n.os 168 e 169 e not., onde, ao pé das fórmulas hispanholas, vem uma em inglez analoga. Conheço, além d'estas, mais sete fórmulas semelhantes, sendo uma do seculo XVII, publicadas in *Mélusine*, col. 53, 102, 172, 294 e 342 (em várias linguas).

J. L. DE V.

Estudo ethnographico a proposito da Ornamentação dos jugos e cangas dos bois nas provincias portuguezas do Douro e Minho, — por J. Leite de Vasconcellos, alumno da escóla medica do Porto. — Porto, empreza do *Jornal d'Agricultura*, 1881, 46 p. in-18 e 12 pl. — Prix : 200 reis.

Dans ce travail court, mais intéressant, l'auteur nous donne une description (rendue plus claire par des planches) et une explication des peintures dont on décore d'ordinaire les jougs des bœufs dans les provinces de Douro et de Minho : ce sont des étoiles, des cœurs, des figures qui prétendent représenter des hommes et des animaux, des croix, des pentagrammes, des hosties et des figures géométriques. Dans la description et l'explication de ces figures, et aussi dans la longue introduction où il décrit l'antique «caracter agricola» du Portugal, l'auteur trouve occasion de communiquer des usages, traditions, formules d'incantation, prières et énigmes du Portugal. Il est vraisemblable que les jougs des bœufs portent aussi des peintures en d'autres endroits où ils sont encore en usage; mais on n'a pas, que je sache, écrit déjà sur ce sujet. Le jeune savant portugais me paraît être le premier à porter son attention sur ce sujet qui n'est pas sans intérêt. Puisse-t-il trouver des imitateurs, et les trouver parmi les collaborateurs et les lecteurs de la Revue Celtique! Car alors on pourra porter un jugement sur l'âge et la signification de ces peintures: c'est l'espoir que l'auteur exprime lui-même à la fin de son travail. [1]

REINHOLD KOEHLER.

---

[1] Da *Revue Celtique*, V, pag. 410.

Bibliotheca ethnographica portugueza: *Tradições populares de Portugal,* — por J. Leite de Vasconcellos. — Porto, XVI-320 pag. in 8.º, 1882. Preço 500 reis.

O presente livro é um thesouro inexhaurivel para o psychologo, para o historiador, em uma palavra, para quantos «amam o que pertence ao povo». Põe em relevo em caracteres indeleveis a physionomia, a indole, a evolução mental do povo. Quando se repara na copiosa collecção das tradições, cheias de attractivos instructivos, na profunda erudição, no judicioso confronto das nossas superstições com as superstições estrangeiras, o espirito vê-se possuido d'um sentimento de verdadeira admiração pela dedicação assombrosa, pelo enthusiasmo de estudo, pelos esforços incalculaveis com que o auctor conseguiu acabar uma obra tão grandiosa e proveitosa sob tantos pontos de vista.

Quem ha ahi que possa contestar a importancia da sciencia das tradições populares? O *Folklore* é talvez o ramo scientifico que hoje conta na Europa maior numero de adeptos. Inaugurado na Allemanha com a publicação dos sabios trabalhos dos irmãos Grimm, em breve se propagou á Inglaterra, Russia, França, Italia, Hispanha, Grecia, etc., onde conta, já não digo revistas e bibliothecas especiaes, mas sociedades. Em Portugal ha uns primeiros ensaios por Herculano e Garrett, mas incontestavelmente os verdadeiros introductores dos estudos *folkloricos* são Th. Braga (poesias), F. Adolpho Coelho (contos) e J. Leite de Vasconcellos (superstições), aos quaes depois se juntaram Z. Consiglieri Pedroso e outros.

D'esta simples exposição se póde já avaliar o alcance d'esses estudos, mas, como nos não devemos levar apenas de argumentos de auctoridade, vejamos se realmente podemos achar no *Folklore* algum argumento de maior peso, alguma utilidade scientifica. Ora, como disse, as tradições populares representam o estado mental do povo moderno, porque nos ensinam como elle encara os phenomenos naturaes, como se demonstra, por exemplo, com o culto portuguez para com a lua nova, o sol nascente, o nevoeiro, etc., phenomenos que o nosso povo verdadeiramente personifica, á similhança do que se vê, não só nas antigas mythologias, mas nos povos selvagens. Por outro lado, as tradições populares, tendo raizes no sub-solo da antiguidade, é evidente que o que ellas manifestam com relação ao dia de hoje, o manifestam tambem com relação ao passado. Estas duas razões são já sufficientes para levar os pensadores a occuparem-se do povo sob este ponto de vista. Além d'isso, as tradições populares, remontando a epochas longinquas e encontrando-se em paizes differentes geographica e até ethnographicamente, prendem-se com questões muito complicadas e interessantes, porque ou houve uma communicação

entre esses paizes, ou todos elles as herdaram de uma fonte commum, ou emfim as produziram independentemente.

O livro em questão pode-se considerar dividido em tres secções: na primeira o auctor collige uma parte do que os antigos escriptores lhe offereceram, quer com relação á Lusitania, entre a qual e o Portugal moderno não houve solução de continuidade, quer com relação ao Portugal archaico; a segunda comprehende a tradição popular portugueza actual; na terceira comparam-se alguns factos nacionaes com os de outros paizes, no que se vê demonstrada uma das proposições que acima avancei. Fallarei unicamente da segunda secção, que é propriamente o objecto do livro. O auctor considera primeiro o natural, depois o sobrenatural. No natural, começa pelos astros e acaba pelo homem, que é o ultimo termo da progressão animal.

Abre o 1.º capitulo com a personificação do sol e da lua. Sol e lua, como os mais astros, uma vez *humanisados*, encarnados, possuem todos os instinctos, todos os sentimentos, em uma palavra, todos os attributos do homem. A lua jura falso contra o Senhor, o sol falla verdade. Deus castiga a perjura. O sol e a lua são irmãos, disputam entre si, como a Venus e a Juno da mythologia, sobre qual é mais bonito. A irmã diz-lhe com vaidade feminina: «O' sol, eu sou bem mais bonita do q'a ti (do que tu)». O irmão, ferido no seu amor proprio, enxofra-se e atira-lhe com cinza ou lama á cara. A irmã apanha a luva e atira á cara do sol com agulhas. Eis a origem das manchas da lua e dos raios do sol. Noutra versão o sol ama e requesta a lua, mas ella recusa-lhe a mão. — O primeiro capitulo continua neste gosto, colligindo uma somma consideravel de curiosas tradições com relação ao sol, lua, estrellas, planetas cometas, e confrontando-as com as dos outros paizes e com as dos tempos remotos.

O 2.º capitulo trata do fogo, luz e sombra. «O lume saiu da bocca de um anjo, no principio do mundo, e por isso é peccado cuspir nelle». «No dia de S. Lourenço acontece sempre arder uma casa, porque aquelle santo morreu queimado. (Beira Alta)» [1]. Esta tradição lembra uma outra que corre na bocca do povo na India. Eil-a: No dia de S. Lourenço, quem abre o solo com uma enxada ao meio-dia, precisamente no momento em que se ouve o tiro de canhão na fortaleza da Aguada, acha carvão, residuo do que serviu para assar o santo.

O 3.º capitulo occupa-se das tradições com relação ao vento, nevoeiro, nuvens, chuva, geada, arco-iris, fogos-fatuos, auroras boreaes, fogo de Sant'Elmo e trovoada. As superstições explicam a seu modo as mudanças barometricas. E' que é innata ao homem a tendencia de investigar a causa de todos os phenomenos.

1 *Trad. pop. de Port.*, §§ 61 e 82.

No 4.º capitulo trata-se das aguas em geral, das fontes, poços, rios e mares. As aguas téem seu culto e possuem, entre outras, muitas virtudes medicinaes. Se ha em Baião uma fonte cujas aguas não são saudaveis, é porque antigamente se metteu lá um frade, que, ainda hoje lá se conserva *(Trad. pop. de Port.* § 167)!

No 5.º,. 6.º e 7.ª capitulos falla-se das tradições sobre a terra, as pedras e os metaes.

O 8.º contem 27 tradições com relação ao reino vegetal, intercalando entre ellas as respectivas cantigas populares.

No 9.º capitulo figuram 79 especies animaes com o respectivo cortejo das crenças populares em prosa e verso.

O 10.º é dedicado ao genero humano; principia pelas lendas da creação da mulher.

O 11.º e ultimo diz respeito aos seres sobrenaturaes. O auctor promette continuar o maravilhoso popular nos *Fastos populares portuguezes,* que devem constituir o segundo volume da *Bibliotheca ethnographica portugueza.*

As *Tradições populares de Portugal* contéem 382 §§ com superstições, cantos, contos, etc. e annotações importantes. E' editada pela Livraria Portuense de Clavel & C.ª. Folgamos deveras que aquella acreditada livraria se esmere em editar obras de tanta magnitude como a que acabamos de indicar aos nossos leitores.

Braz de Sá.

Adivinanzas francesas y españolas, por A. Machado y Alvarez, Sevilla 1881, 41 pag. (extracto de *El Mercantil Sevillano).*

O A. d'este interessante opusculo compara um certo numero de adivinhas fr. e hisp., aquellas extrahidas das *Devinettes ou énigmes popul. de la France,* por E. Rolland (Paris 1877), e estas da *Coleccion de enigmas y adivinanzas,* por Demófilo, pseudonymo do snr. Machado y Alvarez (Sevilha 1880), e tira como conclusões: 1) que o numero das adivinhas em geral não é tão grande como se tem dito; 2) que as adivinhas revestem mais frequentemente a fórma metrica em Hispanha que em França; 3) que ha correspondencia entre as fórmulas iniciaes das fr. e hisp.; 4) que tanto as de um paiz, como do outro, se referem a objectos naturaes e artificiaes; 5) que é difficil determinar a antiguidade das adivinhas; 6) que a relação das fr. para as hisp. é de cem para treze ou quatorze. Algumas d'estas conclusões podem estabelecer-se tambem para as portuguezas. Tanto em Hispanha como em Portugal, as adivinhas apresentam ás vezes um

caracter obsceno; mas em Hispanha dá-se um facto, que ainda não observei cá, que é usarem-se as adivinhas só em epochas determinadas em algumas localidades (em Badajoz, por ex., só no Carnaval). — A proposito da adivinha da *neve*, — «El manto de doña Leonor, cubre los montes y los rios nó», — pergunta o snr. Machado y Alvarez quem é esta *D. Leonor* (a neve) : tal nome não tem nada de real, é uma personificação que se dá nas adivinhas portuguezas, com *D. Branca, D. Aresta, D. Piquete, Manuel, Maria, Senhora Pandoneza, meu compadre*, etc. Em alguns casos, porém, como este, o nome *D. Branca* tem muita razão de ser :

> Estando a snr.ª D. Branca
> Muito bem repimpada,
> Vem o snr. Barbudo,
> Dá-lhe uma bofetada ;

adivinha que significa : *parede caiada. O snr. Barbudo* é o *pincel do caiador*. — Cf. tambem esta adivinha fr. (Ap. *Mélusine*, col. 292): «Maigres-os est à la porte; Maigres-os porte la chair etc.», onde *Maigres-os* representa muito naturalmente um burro.

J. L. de V.

Quattro novelline popolari livornesi, — *accompagnate da varianti umbre* da Stanislao Prato (Spoleto 1880, — 168 pag.)

Quattro novelline popolari romane, — *illustrate com note comparative* da Stanislao Prato (Spoleto 1880, — não conclue).

O A. d'estes dois valiosos trabalhos, o snr. dr. Stanislao Prato, prof. do lyceo de Como, é um dos mais activos folkloristas italianos. — Do primeiro trabalho já o collaborador d'este *Annuario*, o snr. Consiglieri Pedroso, se occupou no fasc. IV-V dos seus *Ensaios criticos* (Porto 1881, p. 5 e segg.), aproximando dos contos livornezes alguns portuguezes, e por tanto nada mais tenho aqui que fazer a não ser felicitar o snr. Prato pela multidão de factos que alli reuniu, senão numa ordem nem sempre muito propria para facilitar o estudo, ao menos com uma vasta erudição de folklore. — Pelo que respeita ao segundo trabalho, noto as seguintes coincidencias entre os contos romanos e portuguezes : no *Le tre streghe e la fanciulla rapita*, a circumstancia do rapaz entrar no palacio e achar preparada comida,

cama, etc., repete-se num conto que ouvi em creança, mas que não tenho presentemente completo: no *Il palazzo incantato*, a necessidade de ter de vencer o encanto (sahir são do palacio onde erão petrificados todos os que *non resistevano alle prove)* dá-se em Portugal no conto da *Torre de Babylonia*; do conto *L'òcchiaro*, cujo nome se assemelha ao port. *olharapo*, publicou o snr. Pedroso uma variante port. no *Archivio per le trad. pop.*, fasc. II (cf. as minhas *Trad. pop. de Port.*, § 350); o conto *I tre figli di re*, ouvido a uma aldeã da *Campagna di Roma*, e apresentando variedades dialectaes interessantes, como *fija* por *figlia*, *lu* por *lo*, apocope do *r* no infinito dos verbos, etc., é semelhante a um portuguez que recolhi no Minho, e no qual figura um principe que se encantou de uma macaca. — O snr. Prato precede as *Quattro novelline pop. romane* de uma pequena introducção sobre o progresso dos estudos folkloricos.

J. L. de V.

Tradizioni popolari abruzzesi, *rcacolte da G. Finamore*: critica de Reinhold Koehler (extracto da revista allemã *Literaturblatt für german. und roman. Philologie*, 1882, n.º 8.)

O illustre bibliothecario de Weimar, que é ao mesmo tempo um dos sabios allemães de mais auctoridade em assumptos folkloricos, ao dar conta da nova publicação do escriptor italiano, faz, com a costumada erudição, um grande numero de notas comparativas, que são de muita utilidade.

J. L. de V.

Il vespro siciliano *nelle tradizioni popolari della Sicilia* per Giuseppe Pitrè, — Palermo 1882, ed. L. P. Lauriel, — 127 pag. Preço 2 liras.

Nos diversos volumes da sua magnifica *raccolta (Biblioteca delle tradizioni popolari siciliane)* tem tido G. Pitré occasião de explicar numerosas allusões a factos historicos que se encontram nessa litteratura popular. O povo siciliano é vivo, intelligente, interessado pelas coisas do passado, como pelas do presente. Quando, ha alguns annos, um certo numero de homens de sciencia, entre os quaes havia Renan e Gaston Paris, se reuniram em Palermo, num congresso improvisado, o povo siciliano saudou-os pelas estradas, clamando: «Vivam os sabios!» A vivacidade caracteristica dos antigos siciliotes não aban-

donou ainda os seus modernos representantes: exemplo não raro de persistencia de caracteres ethnicos, atravez de uma accidentada vida politica. Concebe-se, pois, como em tal povo o grande episodio das Vesperas sicilianas deixasse uma impressão profunda, inextinguivel talvez, emquanto as condições de vida da Sicilia não experimentarem alguma transformação, que, por assim dizer, submerja esse povo original. Pitré já na sua *Biblioteca* dera algumas tradições ácerca das Vesperas; a sua monographia sobre o assumpto é valiosissima: achamos nella reunidos a lenda principal, as tradições locaes, proverbios e phrases proverbiaes, cantos populares, jogos e usos relativos ou explicaveis pelo facto historico. Ha aqui um campo excellente de exploração para quem estuda as relações entre a lenda e a historia e entre a poesia popular e a historia.

São de bom conhecedor da historia da poesia popular, como elle sempre nos mostrára ser, as observações de Pitré na sua *Avvertenza*, em que considera a maior parte das peças poeticas que publicou, como tendo nascido posteriormento ao successo: umas, as mais antigas, são talvez apenas a apropriação pelo povo, de cantos do seculo XIII, de origem em rigor não popular; outras sairam das lendas em prosa pelo trabalho dos Homeros campesinos, perfeitamente analphabetos: do ultimo caso, dá-nos a collecção um exemplo perfeitamente authentico — a transformação da lenda oral num poemeto de sete oitavas por um poeta campesino d'Alcamo, nosso contemporaneo. E' do estudo detido dos factos d'esta natureza que póde sair uma seria theoria da poesia tradicional, sobre a qual tantos disparates se teem escripto.

Pitré dá alguns echos das Vesperas fóra da Sicilia e ainda da Italia. Em Portugal, paiz tão avesso a tradições historicas, não cremos que se encontre nenhum.

F. Adolpho Coelho.

Favolette popolari siciliane *raccolte* da G. Pitrè (Palermo 1882, — 12 pag.; ed. de 50 exemplares apenas),

E' uma collecção, em siciliano, de oito pequenos contos, cujos personagens são principalmente animaes, como o lobo, a raposa, o porco, etc. Em Portugal existem tambem varias narrativas d'este genero; aqui, como na Sicilia e em todos os contos do cyclo *Renart*, o lobo e a raposa são *compadres*. — Este opusculo foi publicado para commemorar as nupcias de uma filha de G. Papanti com L. Pistelli.

J. L. de V.

PERIODICOS

I. **Revista de ethnologia e de glottologia,**— estudos e notas por F. Adolpho Coelho, Lisboa 1881. — O ultimo fasciculo publicado d'esta importante revista, a unica do seu genero em Portugal, é o IV que tracta de *entidades mythicas e pessoas dotadas de poderes sobrenaturaes* (em numero de XXVII) e *variedades* (1, *uma lenda de Salomão,* de que ouvi na Beira-Alta uma variante referida a um astrologo; 2, *Medida do tempo,* de que ha outros costumes analogos no nosso paiz, como o de contar os dias por cestos que se fazião, — costume que entra num conto e numa lenda local; 3, *A lenda do Judeu errante na Hispanha).* E' pena que haja tanta irregularidade na publicação dos fasciculos; mas em geral o publico portuguez não merece outra cousa.

II. **El folklore andaluz,** *órgano de la Sociedad de este nombre,* Sevilla, 1882.— O ultimo fasciculo distribuido até á data em que escrevo é o 6.º, que, como de costume, vem abundante de materiaes. Notei na *Miscelanea* o § — *modos de pedir lismosna,* a proposito do qual o snr. Guichot e Sierra cita factos que com direito devem entrar no dominio folklorico. São dignos do maior louvor os esforços da sociedade sevilhana.

III. **Romania,** *recueil trimestrel consacré à l'étude des langues et des litterat. romanes,* n.º 41, Janvier 1882, Paris. Além de varias indicações bibliographicas, este fasciculo, que é o ultimo que recebi, contem: *Versions inédites de la chanson de Jean Renaud* (de que no meu *Rom. pop. port.,* em via de publicação, dou uma versão port. *D. Pedro e D. Leonarda)* por G. Paris, — *Les trois saints de Palestine* (conto de que conheço uma versão port.) por E. Rolland, — e *Le Grand loup des bois* (ronde bretonne) por Ad. Orain.

IV. **Revue des langues romanes,** — Septembre 1882, Montpellier e Paris. — Este fasciculo conta no dominio do folklore: *glossaire des comparaisons populaires du narb. et du carc.* (continuação; em port. ha tambem muitos exemplos, como: *branco coma a neve, verde coma as hervas,* etc.), por A. Mir, — *E'tude de mœurs provençales* por J. Brunet, — e *bibliographia.*

V. **Revue celtique,** dirigée por H. Gaidoz, — Setembro 1882, Paris.— Contém um extenso art. dos snrs. H. G. e P. Sébillot sobre a bibliographia das tradições e litterat. pop. da Bretanha (Alta e Baixa), uma dissertação sobre o deus tonante gaulez por G. F. Cerquand, e ainda outros artigos, a um dos quaes já me referi (pag. 66), e além d'isso bibliographia.

VI. **Archivio per lo studio delle trad. popolari** (G. Pitrè, e

S. S. Marino). Fasc. 3.º Julh.-Set. 82.—Este fasciculo abre com um art. do snr. Pitrè sobre as *vozes dos sinos*. Ha a accrescentar uns versos hispanhoes, n.º 130 dos *Cant. pop. españoles* do snr. Rodrigues Marin, (Sevilla 1882), o qual em nota cita outros italianos do snr. Gianandrea *(Sagg. di giuochi e cant. fanc. delle Marche*, 28). A respeito de Portugal, mais alguns poderia agora junctar ao que em tempo mandei ao snr. G. P. e que elle traz no presente art. — Segue-se um importante estudo do snr. S. Marino sobre poesia popular siciliana do sec. XVI a XVIII; o A., servindo-se dos factos modernos, demonstra o caracter pop. de certos cantos d'aquelle tempo. Os versos de p. 347 que começam *partiti littra mia*, etc. lembram uns portug. que publiquei nas minhas *Trad. pop. de Portugal*, (Porto 1882), p. 215. — Seguem-se *Poes. pop. infantili in Calabria* (contin. e fim) do snr. F. Mango; seria conveniente que o A. tivesse posto as decifrações ao lado das adivinhas. — Seguem-se *Indovinelli marchigiani*, comparadas com outras estrangeiras por A. Gianandrea; algumas port. ha semelhantes. — Segue-se *El juego de las chinas* (conclusão), extenso e curioso art. de F. R. Marin. — Seguem-se *Le dodici parole della verità*, por T. Cannizaro: é a oração portug. do *Anjo Custodio* de que o snr. F. A. Coelho publicou varias versões na *Romania* (III, 269-273), *Ethnographia Portugueza*, n.º 287 e nas *Notas Mythologicas, (Renascença*, p. 47-8, onde transcreve uma allemã e outra rabinica), de que o snr. C. Pedroso publicou outra nas *Trad. pop. portug.*, e de que eu publiquei tambem uma na *Vanguarda*, n.º 68 (22 Ag. 1881). — Segue *La Storia del re Crin*, por A. Arietti. — Seguem-se *Credenzi ed usi pop. toscani*, curto art. de S. Siciliano: sobre alguns costumes portug. semelhantes, vid. as minhas *Trad. pop. de Port.* §§ 40, 138, 166-*m*; como na Toscana, tambem em Portugal se colhe o *alho (pôrro)* no S. João (é um preservativo contra as Bruxas, etc.)— Seguem-se *Usi pasquali nel Bergamasco*, por A. Tiraboschi. — Segue-se *Le Folk-lore*, especie de revista, por J. de Villemory: com relação a Portugal, a historia das trad. pop. póde dizer-se que remonta ha alguns seculos, pois já nos *Contos e historias de proveito e exemplo* de G. F. Trancoso (1585) se encontram narrativas populares; no *Passatempo honesto de enigmas e adivinhações* de F. Lopes (sec. XVI) vem adivinhas; Delicado, D. F. Manoel de Mello, B. Pereira, Bluteau (sec. XVII-XVIII) publicaram innumeros adagios; Viterbo, o Ducange portuguez, reune no *Elucidario* muitos costumes e superstições. — Segue-se *Saggio di voci di venditori ambulanti*, por G. Pitrè; nas minhas *Trad. pop. de Port.*, p. 251, dou alguns especimens portuguezes. — O fasc. termina com *Miscelanea, revista, boletim bibliograph., e noticias diversas*. — Como se vê, o *Archivio* é uma publicação importante para os folkloristas, e que honra não só os seus intelligentes directores, mas a Italia.

J. L. DE V.

CHRONICA

—Em Abril de 1882 realisou-se na *Sociedade de Instrucção do Porto* uma exposição portugueza de trabalhos mechanicos e industrias caseiras, cujo programma foi publicado no vol. II, n.º 3, da *Revista* da mesma Sociedade. A industria popular e infantil fez-se ahi representar, senão de um modo muito completo, ao menos para dar uma ideia do que temos. Sobre uma collecção de amuletos que expuz, póde vêr-se na citada *Rev.*, vol. II, n.º 8, um pequeno art. meu, de que se fez ed. á parte, sob o titulo *Amuletos populares portuguezes*.

—Em Outubro do mesmo anno, realisou-se na mesma Sociedade uma exposição de ceramica, onde, ao lado de muitos objectos de origem ou de uso popular, ha uma rica collecção de barros, representando os trajos e os costumes de algumas provincias de Portugal.

— Projecta-se estabelecer na mesma Sociedade uma secção destinada ao estudo das tradições populares portuguezas.

— O snr. Ad. Coelho está preparando uma bibliotheca de educação infantil, onde entra o elemento da litteratura popular. O mesmo prof. prepara tambem uma pequena historia do folklore nos paizes de linguas romanicas.

— O snr. Th. Braga tem para publicar um volume de contos populares portuguezes.

— O snr. Consiglieri Pedroso publicou já, ou tem tambem para publicar, outro vol. de contos.

— O snr. A. Rodrigues de Azevedo tem prompto para a imprensa tres volumes sobre o cancioneiro do archipelago da Madeira.

— Deve sahir á luz o 1.º fasciculo da revista do *Folklore frexnense*, com séde no Fregenal, e de que é secretario o snr. L. Romero y Espinosa.

— Está no prélo, segundo informação particular do snr. E. Rolland, o 2.º anno do *Almanach des traditions populaires*.

— Por falta de espaço não posso dar a respectiva bibliographia critica dos seguintes trabalhos que recebi e agradeço, mas da-la-hei noutras revistas portuguezas ou extrangeiras:

a) *Notas mythologicas*, por F. Adolpho Coelho (folheto de 11 pag.);

b) *Coleccion de enigmas y adivinanzas* por Demofilo (Sevilla, 1880, vol. de 496 pag.);

c) *Cantos populares españoles*, por F. Rodrigues Marin, (Sevilla, 1882, vol. de 472 pag.);

d) *Mélusine, — recueil de mythologie*, etc., publié par MM. H. Gaidoz & E. Rolland (Paris 1878, vol. de 592 col.)

e) *La leggende del tesoro di Rampsinite* por Stanislao Prato (Como 1882, 52 pag.);

f) *Caino e le spine secondo Dante e la tradizioni popolare* pelo mesmo A. (in *Preludio*, v, 2);

g) *L'Uomo nella Luna* pelo mesmo A. (extracto do *Preludio* de 30 de Jan. 1881);

h) *La leggenda indiana di Nala* pelo mesmo A. (in *I Nuovi Goliardi*, I, 4);

i) *La Bella de l'Isoule Fortüná* pelo mesmo A. (*ib.*, 4-5).

j) *Le novelline popolari dell'Italia Meridionale* (Palermo 1881, folheto de 13 pag.);

J. L. DE V.

Toda a correspondencia respectiva á parte litteraria d'este *Annuario* deve ser dirigida a José Leite de Vasconcellos, Rua de S. Victor, n.º 25, Porto. — Far-se-hão noticias bibliographicas das mais publicações folkloricas que se receberem.

BIBLIOTHECA ETHNOGRAPHICA PORTUGUEZA

COORDENADA POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

A importancia do estudo scientifico das tradições lares está de tal modo reconhecida, que todos os paiz tos, como a França com a publicação *Les littératures pop de toutes les nations*, a Italia com a *Biblioteca delle trad popolari siciliane* e o *Archivio per le tradizioni popolar* glaterra com a *Folk-Lore. Society*, a Hispanha com o *Lore andaluz*, etc., andam, a uma só voz, recolhendo sificando e comparando innumeros materiaes.

A BIBLIOTHECA ETHNOGRAPHICA PORTUGUEZA vem bem, ainda que modestamente, occupar um logar nesse incessante e extraordinario do seculo.

Está publicado o 1.º volume

TRADIÇÕES POPULARES DE PORTUGAL

(XVI-320 PAG. — PREÇO 500 REIS)

que é, por assim dizer, uma como introdução ás tradiçõ pulares de Portugal.

Contamos publicar mais os seguintes:

Fastos populares e jogos infantis de Portugal (será posto á ve da até agosto de 1883);
Poesias populares portuguezas (em preparação);
Bellas-Artes populares portuguezas (idem);
Contos populares de Portugal (idem).

O preço de cada volume da BIBLIOTHECA não exc para o continente, 500 reis. As obras não manteem dencia immediata entre si, pelo que podem ser vendid paradamente.

Assigna-se na LIVRARIA PORTUENSE DE CLAVEL & C ora, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

Porto — Typ. Occidental, rua da Fabrica, 66